

# Stadium

O VENCEDOR  
DA «VOLTA»



Foto JORGE GARCIA

N.º 249

10 DE SETEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50



## O «team» mais em forma é o BENFICA

O total da 1.ª jornada não é agradável — grupos  
sem ligação e jogadores sem fôlego!

Crónica de TAVARES DA SILVA

Começou o futebol em todo o país, mas a competição lisboeta, pelo valor e a igualdade dos seus participantes, é a que mais interessa, seguida com viva curiosidade por todos os adeptos portugueses. Mesmo os que não vivem em Lisboa, interessam-se pelo futebol lisboeta, acompanhando cuidadosamente a marcha do campeonato, os seus resultados e a forma dos grupos e dos jogadores.

Denominada «Taça de Honra», concorreram à magnífica Prova seis equipas: Benfica, Sporting, Belenenses, Atlético, Estoril e Oriental.

Uns teams estão melhor do que outros — segundo se viu na 1.ª jornada, com uma distribuição involuntária de encontros, isto é, jogos no sábado e domingo. Mas o público resistiu a tudo! Compreende-se. Ou por começarem a treinar mais cedo, ou em virtude dos jogadores se terem acutelado no defeso, ou por outras razões, enquanto alguns grupos, além da capacidade de jogo, revelam já resistência física, outros estão ainda fora de forma, praticando futebol confuso; e apresentando-se alguns elementos um pouco mais gordos e pesados, portanto, com menos mobilidade.

O Benfica dá a sensação de ser o clube mais em jogo: o team está bem ligado, e as suas unidades já têm a necessária medida de respiração.

No Sporting vários jogadores acusam o repouso, e o quadro resente-se da sua falta de fôlego havendo a anotar que o conjunto reflecte muito a ausência de Travassos.

O Belenenses, em busca de um team que corresponda à importância do clube, deixou uma impressão desagradável na sua apresentação, levando-nos a dizer que as cartas devem ser baralhadas de novo — para o bom jogo.

O Atlético, que estreou novo fardamento, por sinal, de evidente mau gosto, deu-nos a impressão de possuir um team melhor do que o do ano passado, logo que os seus elementos se enquadrem num plano racional de aproveitamento das qualidades dos jogadores.

O Estoril está na mesma, não avançou mas também não retrocedeu, sendo natural que a harmonia volte com o tempo.

O Oriental continua a basear-se no futebol de energia fazendo com supremos esforços o que podia fazer com menos dispêndio de forças.

Todos os treinadores, é evidente, procuram encaminhar no bom sentido os grupos. Uns conseguem-no, outros não. E devemos dizer que a sua tarefa depende

principalmente dos jogadores e também dos dirigentes e das massas associativas. O treinador, pelo menos, aquele que é competente, não pode viver sob a influência dos resultados, elogiado na vitória, depreciado na derrota, e ouvindo sempre em qualquer hipótese remoqueos desagradáveis.

Os teams apresentaram alguns novos elementos: o Belenenses, Nunes; o Benfica, Rogério; o Atlético, Ernesto, Vital e Caninhas. Jogadores que merecem quadro de honra nesta primeira jornada: Cerqueira, Moreira, Francisco Ferreira, Corona, Vitor Baptista, Barrosa, Canário, Vasques, Peyroteo.

Vários aspectos merecem uma referência especial. A primeira, dirigimo-la aos jogadores no sentido disciplinar e no respeito que lhe deve merecer o adversário. As decisões dos árbitros não podem deixar de ser acatadas, mesmo que ao espírito do jogador tome a figura de injustiça. Bem sabemos que é preciso uma grande e voluntária disciplina para aceitar os erros do director da partida. Mas ainda não se inventou melhor forma de julgamento. Dentro do campo, só um homem manda, e esse é o juiz cujas decisões são inatacáveis. A segunda, respeita ao aspecto de violência. Chega a parecer impossível, mas é um facto, que o jogador não respeite o adversário e tenha a pretensão de o pôr fora de combate, magoando-o ou inutilizando-o. Os elementos que assim procedem devem ser inexoravelmente perseguidos e combatidos a sua tendência. A rasoira associativa ou federativa deve cortar cerce a vocação indesejável desses valores. A primeira jornada mostrou claramente a disposição em que se encontram vários elementos. A verdade, simples, é que todos conhecemos os praticantes do jogo feio, e de aí conclui-se ser extremamente fácil separar o trigo do joio.

Os juizes de campo, mais do que nunca, devem aperfeiçoar-se e ter em atenção que o desenvolvimento do futebol depende em grande parte da sua influência, e por isso devem ler e interpretar a todo o momento as Regras, tendo bem presentes o seu espírito, e treinar-se fisicamente de maneira a poderem acompanhar de perto todas as fases de um encontro. Os dirigentes dos árbitros vêm fazendo um grande esforço para imporem a arbitragem, e é justo que os juizes correspondam a esse empenho. Ora, as arbitragens do primeiro dia deixaram muito a desejar, registando-se graves erros. Admite-se que o árbitro erre, mas há uma espécie de decisões que não se justi-

ficam. Trata-se dos erros de vulto, em jogadas que qualquer árbitro principiante não costuma falhar. Certamente, a multidão, muito apaxanada, dificulta a tarefa, mas os árbitros deviam reunir-se, e, estabelecendo uma regra de conduta geral, educar o próprio público.

Os resultados da 1.ª jornada foram os seguintes: Atlético 0 — Sporting 3; Belenenses 1 — Benfica 3; Estoril 5 — Oriental 4.

Deverá atribuir-se aos médios a derrota do Atlético?

Na Tapadina, os grupos formaram da seguinte maneira:

Atlético — Ernesto, Baptista, Castro, Pereira, Armindo, Morais, Rosário, Guedes, Vital, Gregório e Caninhas.

Sporting — Azevedo, Barrosa, Marques, Juvenal, Canário, Verissimo, Correia, Vasques, Peyroteo, Armando Ferreira e Albano.

Arbitro — José Sarandezes. O vento, nunca é demais repetir-lo, desempenha um grande papel nos desafios de futebol. É um adversário mais difícil do que o próprio inimigo... Sobretudo quando os teams não sabem meter-se nas condições que se lhe deparam.

Se o Sporting, melhor articulado que o seu adversário, tem aberto o jogo na primeira parte, atraindo os atléticos às suas posições defensivas para depois despedir contra-ataques de organização, a sua vitória não seria tão difícil.

Por sinal, o próprio vento na segunda parte, indicou aos sportinguistas o caminho a seguir, e estes utilizaram com proveito os extremos. Bastaram cinco minutos de jogo rápido e fulgurante, pelas pontas, para o Atlético ser batido irremediavelmente.

Certamente, Travassos faz hoje muita falta no Sporting, pois Armando não desempenha a função. Todavia, Vasques orientou a partida com acerto e precisão. Por outro lado, a defesa sportinguista precisa de se ligar melhor, caso contrário, será facilmente perfurada.

Do lado do Atlético deve dizer-se que é muito difícil jogar, pelo menos, à frente, sem que os médios cubram o terreno e alimentem a dianteira. Toda a habilidade se perde!

Ora, não houve um médio atlético que desse uma vez — passe o exagêro! — a bola em boas condições aos seus avançados. Como se pode jogar desta forma?

O mais difícil nos teams portugueses está a ser a articulação da

linha média com a da frente, e o Atlético ilustra a afirmação. O jogador, dentro de rectângulo, que não procura ver o problema a resolver e faz o lance ao acaso compromete o conjunto. As derrotas encontram neste por menor fundamental a sua justificação.

O Benfica mostrou nas Salecias magnífica ligação

Nas Salecias alinharam assim os teams: Belenenses — Sérgio, Vasco, Figueiredo, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Nunes, Teixeira da Silva, José Pedro e Palma Soeiro.

Benfica — Rogério, Cerqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsenio, Júlio, Corona e Vitor Baptista.

Arbitro — Abel Ferreira. Não se nos afigura exagerada a afirmação de que os benfiquenses fizeram uma exibição notável. Jogar tão bem em principio de época parece-nos bom augúrio. O onze revelou coesão e harmonia ou articulação, predisposto ao futebol rápido e preciso, com jogadores já em forma. Houve várias jogadas, e não uma só, em que os benfiquenses passaram a bola de unidade para unidade, sem intervenção do adversário e colocando-a no sítio preciso. Essas jogadas tiveram o cunho da facilidade; no fundo, a característica dos bons teams.

O Benfica, quando atacou, fê-lo magnificamente; ao defender-se, revelou coesão. Não há dúvida que a inclusão de Cerqueira deu ao team um certo bem-estar.

A falta, que lhe vimos, embora importante, não afecta a organização do grupo. Julgamo-la filha da Sorte. Referimo-nos ao não-aproveitamento das ocasiões em frente das balizas — que muitas foram! Os dianteiros benfiquenses, regra geral, fizeram nas Salecias o mais difícil e falharam no mais fácil...

Os belenenses, apesar de toda a sua boa-vontade, não deram mostras de progresso. Pelo contrário, verificaram-se peores movimentos na defesa e continuou a manifestar-se a mesma falta de poder de realização na linha dianteira. Cada vez nos convencendo mais de que se torna mais útil o jogador forte e ousado, em relação ao que o habilidoso não presta quando não tem força muscular ou fôlego respiratório. Verificaram-se ainda na equipa belenense sensíveis faltas de ligação, caracteri-

(Continua na pág. 13)



**T**erminada a disputa da 12.<sup>a</sup> Volta a Portugal em bicicleta, que acompanhámos, pela primeira vez, na exclusiva qualidade de jornalista, julgamos oportuno tecer algumas considerações acerca da importante competição.

Há que salientar, em primeiro lugar e desde já, que o êxito da prova foi completo, quase absoluto. Pequenas deficiências verificadas aqui e ali, provocadas em parte pelo nervosismo da própria corrida, não chegaram a empanhar-lhe o brilho de que incontestavelmente se revestiu.

Todo o paiz se agitou durante quinze dias devido à disputa da Volta. As populações das localidades por onde a corrida passava ou onde as etapas terminavam vibraram mais que nenhuma outra, mas até nós chegavam constantemente indicações de que, em muitas outras localidades, periferia da competição, o entusiasmo era quasi igual. A circunstância de só termos na prova funções jornalísticas — e ainda bem! — permitiu-nos observar melhor que das outras cinco vezes que já tínhamos acompanhado a Volta, quanto entusiasmo ela provoca e quanto esforço exige de todos os sectores ligados à sua direcção.

O êxito popular foi incontestável. Nas primeiras etapas, devido certamente ao facto da realização da corrida ter sido resolvida quasi repentinamente e preparada em poucos dias, não houve grande volume de prémios da passagem, tão gratos aos ciclistas. Mas à medida que os dias iam passando os prémios começavam a aparecer, como consequência imediata do ruído provocado pela própria competição.

A organização da Volta teve duas fases: técnica e administrativa. A segunda episódicamente nos pode interessar, para dizermos que foi por todos considerada boa. Corredores e delegados, ouvindo várias vezes declararam-se satisfeitos. Observe-se porém, que cada clube recebia determinada importância diária para as suas despesas de alimentação e estadia e que eram os próprios clubes que tinham de atender a esses pormenores. Esse facto facilitou muito a acção dos organizadores — Comissão Administrativa da secretaria do S. L. B. — mas pode afirmar-se que eles foram normalmente felizes em todos os casos em que tiveram de intervir. Alguns reparos feitos no princípio da prova quanto ao abastecimento dos corredores nos locais da neutralização das etapas não foram, devido exactamente às condições especiais da organização administrativa, da sua responsabilidade.

Sob o ponto de vista técnico, a Volta deu inteira satisfação na parte que respeita à direcção da corrida e júri. Só a escolha do percurso não satisfaz toda a gente, pois houve localidades que se alhearam da prova — aliás, um pouco inexplicavelmente — porque não foram designadas para finais de etapa. É evidente que a organização não podia atender todas as solicitações, dados os moldes em que a prova foi talhada: muitos quilómetros em poucos dias. Uma das vantagens das duas etapas diárias, sistema adoptado pelos

# O êxito popular e desportivo

## da 12.<sup>a</sup> Volta a Portugal em bicicleta

### correspondeu aos esforços dos organizadores

anteriores organizadores, era precisamente a de dar satisfação ao maior número de pedidos.

Dentro do princípio das etapas longas o percurso escolhido satisfaz, mau grado previa-se que algumas etapas atormentariam toda a gente — e em especial os ciclistas.

De começo muitos corredores tiveram dificuldade em se adaptar às características da prova. Em boa verdade não tinham, quase todos, preparação para corridas sucessivas de 200 quilómetros. Uns porque eram amadores e só na Volta passaram a independentes; outros porque, em regra, as provas no nosso país não excedem 100/150 quilómetros. Durante a própria Volta os corredores foram-se adaptando, de tal modo que só uma vez, e por sinal numa etapa curta, o júri teve de eliminar três concorrentes. Eliminação teórica, simbólica, uma vez que todos continuaram por sugestão dos próprios organizadores.

A parte técnica — direcção da corrida e júri — esteve bem, não dando motivo a reparos. Houve, é certo, algumas deficiências, principalmente nos primeiros dias e na parte respeitante às neutralizações, que a boa vontade dos elementos que dirigiam a prova rapidamente sanaram.

O júri deu provas da maior isenção e imparcialidade. Parece que, em determinados sectores, se punham em dúvida esses predicações, ao ponto de terem sido nomeados «comissários» com funções... fiscalizadoras. Os próprios fiscais acabaram por verificar, e afirmar publicamente que só tinham encontrado lealdade, boa fé e honestidade de processos.

As metas de chegada nem sempre satisfizeram, como, por exemplo, nas Caldas da Rainha. Mas deve atender-se, ao observar-se

este pormenor na necessidade material de defender os pesados encargos da organização.

A média geral da prova foi de 30,388. O recorde não foi batido. Estabeleceu-o José Martins, em 1946, com 31,435.

Compreende-se perfeitamente a diferença. No ano passado os 2.258 quilómetros foram cobertos em três semanas; este ano, os 2.207 (apenas menos 51 quilómetros) foram cobertos em duas semanas. Etapas mais longas e, portanto, menor possibilidade de médias elevadas. No entanto, e levando em conta as dificuldades da corrida, considerada como a mais dura de todos os tempos, a média final pode ser tida como boa.

O Prémio da Montanha, que foi criado com a evidente intenção de valorizar a prova, não correspondeu. Tornou-a mais dura e afinal não foi atingido o objectivo dos organizadores. Em três contagens, duas delas nos pontos mais difíceis, chegaram — exceptue-se o caso Santos Górgalves — mais de vinte corredores em pelotão... E deu-se o caso curioso do Prémio da Montanha ter sido ganho por um corredor que não era apontado como trepador — e ao «sprint»!... Concluindo-se que não há no nosso país especialistas como trepadores. Talvez de futuro, na organização da «Volta», não haja vantagem em incluir essa competição especial.

Dos 57 corredores que partiram, chegaram 39. Desistiram, portanto, 18, o que corresponde a 30%, pouco mais ou menos. É uma das percentagens mais fracas verificadas em todas as Voltas, mas deve observar-se que, a partir de certa altura, as diferenças de tempo relativamente ao vencedor excedem três horas. Não há dúvida de que muitos corredores não tinham capacidade para uma prova desta natureza, muito dura, exigindo uma série de esforços que não estava ao alcance de qualquer.

Manuel Mota

## PATINS INGLESES

os mais populares

## E ACESSÓRIOS

## PARA BICICLETAS

Representantes

**F. H. D'OLIVEIRA & C. L.** DA

LISBOA — C. Marquês de Abrantes, 52 — Telefone 6 0113  
PORTO — Rua do Almada 243 a 245 — Telefone 2 4208

O ciclista que uma vez usou a cola «Dissolução de Borracha» — SDL — nunca mais quer outra!





O pelotão, compacto, marcha confladamente a caminho de Guimarães, atravessando uma região encantadora!



Os ciclistas abandonam Chaves após um repouso de algumas horas



A passagem em Lanheses. É a terra de Manuel Rocha, do Sporting, que segue à cabeça. Ao lado, a primeira senhora é a mãe do conhecido sportinguista



Perto de Braga, um choque deixou António de Sousa muito magado...



Próximo de Darque (Esposende), o pelotão é comandado por Mourão, Rebelo e Max André



Os ciclistas passam em Ponte de Bico, num andamento rápido!



A caminho das Caldas da Rainha, João Rebelo puxa um pouco — para entreter



# Todos querem ver jogar os mestres do futebol

## Os encontros internacionais da Inglaterra

Por VERNON MORGAN

*Itália e Bélgica convidaram os jogadores ingleses a participar no encontro com que celebrarão o 50.º aniversário da fundação das suas Federações de Futebol. Apesar das suas recentes derrotas, o país que inventou o futebol não perdeu o seu prestígio.*

*Na próxima temporada, os futebolistas ingleses medirão forças com os da Austria e da Checoslováquia. Outro encontro interessante será o de Highbury entre a Suécia e a Inglaterra — é possível que os suecos sejam a primeira equipa estrangeira que vença os ingleses na sua própria terra.*

Actualmente os italianos são campeões do Mundo. Ganharam o título em Paris em 1938 e pensam conservá-lo, mesmo contra a Grã Bretanha, nos encontros que se efectuarão no Rio de Janeiro em 1949 (a Grã Bretanha não se fez representar em Paris em 1938). Os que viram Carlo Parola jogar em Glasgow no partido Grã-Bretanha contra o Resto da Europa, podem dizer que viram um dos melhores médios-centros. Diz-se ainda que têm dois avançados excelentes, e com eles pensam vencer a Inglaterra em Maio.

Mas voltemos aos mestres. A Inglaterra não perdeu o seu prestígio, apesar de ter perdido dois encontros durante a última temporada, contra Suíça e França.

Quando estivemos na Suíça perguntei a um italiano da Federação se a derrota inglesa afectaria as propostas para a partida de Maio, e se ainda pensava que a equipa inglesa era a mais adequada. Claro, disse-me encolhendo os ombros, *recorde-se de Glasgow*. Referia-se naturalmente ao *match* Grã-Bretanha contra o Resto da Europa. Nessa ocasião os ingleses mostraram aos outros europeus como se joga futebol.

### O prestígio da Inglaterra

Os europeus contam que os ingleses joguem bem em qualquer ocasião, e quando estes perdem encontram mil desculpas. Jamais dirão que os seus futebolistas são melhores, mas sim que os ingleses não jogaram como de costume e por isso perderam. Não posso explicar por que somos tão populares nos círculos futebolistas, mas é um facto indiscutível que enfada os escoceses, gauleses e irlandeses. Apesar de não haver dúvidas de que actualmente a equipa inglesa é a melhor das quatro.

Os ingleses deram razão aos seus admiradores quando, em Maio passado, venceram os portugueses que pouco antes tinham saído vitoriosos da Irlanda, por 10 a 0, demonstrando que continuam a ser os mestres do futebol. Os que presenciaram o desafio ficaram admirados; essa vitória aumentou mais o prestígio inglês do que aquele que o poderia ter diminuído na derrota de Zurich.

### Os belgas

Os jogadores ingleses tiveram a honra de serem convidados pela Federação belga para jogarem no desafio que celebrará o 50.º aniversário da sua fundação. Nessa altura inaugurar-se-á o Grande Estádio Heysel que os alemães, e depois os ingleses empregaram como depósito de tanques durante a guerra.

O rectângulo do Estádio Heysel é de semente inglesa, de maneira que, na hipótese de perderem, os ingleses não poderão desculpar-se com o terreno, como de outras vezes tem sucedido.

Não será trabalho fácil para os ingleses ganharem aos vigorosos belgas. Há um mês que estes venceram os escoceses em Bruxelas por 2 a 1.

### Os suecos

Os ingleses convidaram o melhor dos futebolistas suecos a medir forças em Highbury a 19 de Novembro de 1947. Até agora os ingleses não se deixaram vencer no seu próprio país por uma equipa que não seja britânica, mas muitos acreditam que os excelentes jogadores suecos são capazes de conseguí-lo. Não cabe dúvida de que os suecos já demonstraram a sua habilidade, e que dois dos melhores jogadores europeus no *match* Grã-Bretanha contra o Resto da Europa, eram suecos — Nordahl, avançado-centro, e Gren, defesa-direito.

Toda a Grã-Bretanha deseja assistir ao encontro e já se estão requerendo bilhetes de entrada na Suécia e na Inglaterra. Diz-se que muitos entusiastas querem fazer a viagem da Suécia à Inglaterra para verem o encontro. É muito provável que se ponha um vapor especial à sua disposição. Ancorado no Tamisa servirá ao mesmo tempo de hotel flutuante. Ali os visitantes poderão tomar as suas bebidas e saborear os seus manjares, em vez de conformar-se com o whisky e as comidas inglesas. — V. M.

**A** pesar de tudo, a Inglaterra segue à cabeça da lista no mundo do futebol. É possível que não seja justo mas é um facto; a prova está no número de países que manifestaram o desejo de medirem forças com os jogadores ingleses.

Um exemplo típico! A Federação Italiana de Futebol cumprirá 50 anos em Maio; para celebrar dignamente este aniversário, os italianos querem organizar um *match* internacional contra uma equipa popular e de prestígio, e eligiram a Inglaterra, o país com o qual há pouco tempo estavam em guerra.

Imploraram! Mandaram representantes à Inglaterra para conversarem com os directores do Futebol Association, e avistaram-se também com os ingleses quando eles se encontravam na Suíça. A Inglaterra aceitou provisoriamente, e é de esperar que em Maio se dispute um grande *match* internacional, provavelmente em Turim, entre a Itália e a Inglaterra. Além disso, a Inglaterra pensa também jogar contra Austria e Checoslováquia.

### Os campeões

A última vez que os jogadores ingleses visitaram a Itália foi em 1939, quando jogaram em Milão, e os italianos, na presença de Mussolini, empataram 2-2, graças a uma bola muito discutida. Em 1934, os ingleses tinham vencido em Highbury por 3-2, durante a partida mais tempestuosa da história.



Os europeus jogam com energia e querem suplantar os ingleses — A expressão de Horak, guarda-redes do Sparta, campeão de futebol checo, é lípica como fervor e energia com que os europeus se dedicam ao desporto. Os jogadores do Sparta estiveram na Inglaterra no ano passado, disputando vários encontros



# NOTAS À MARGEM

## do Campeonato Mundial de Oquei

### VII — A equipa de Portugal

Não há nem pode haver — em verdade — quaisquer palavras no dicionário que definam, com absoluta expressão, a justiça, quicá o brilho, do magnífico e exuberante triunfo alcançado pelos oqueístas lusitanos no III Campeonato do Mundo! A crítica da especialidade já se lhe referiu, enaltecendo, consoante convinha e usando de hosiannas a propósito, o feito dos jogadores portugueses; e o mesmo sucedeu com a Imprensa diária — que jamais dera tamanho crédito, e realce, e publicidade, a uma competição do género... Isto custou — mas foi!!! Afigura-se-nos estar tudo dito acerca do importante certame desportivo. Assim parece. Mas dir-se-ia realmente tudo?!

Falou-se muito, mesmo muitíssimo, da «mocidade» dos homens da equipa de Portugal! Triunfo à base de... juventude?! Qual e quê... Então ninguém se lembrou de que os irmãos Serpas e o Lopes são veteranos do oquei?! *Oliveiro*, que é o mais antigo internacional em actividade, abstraindo do «caso» de Germano Magalhães, *estreeou-se em Estugarda no torneio de 1936* — e naquela distante prova, por sinal I Campeonato Mundial, estiveram também presentes o belga Boggaerts, os britânicos Hulme, Newbury e Walters, os helvéticos Gerzav e Martinetti; seu irmão *Sidónio*, então «benjamin» da equipa, *figurou como estreado no ano seguinte (1937) em Hernebay; e Lopes foi-o em 1938, em Antuérpia*, com o belga Van Hoff, o francês Comte e o italiano Grassi... Verdaderamente jovens, esses, sim, os primos Correias e Cipriano, se bem que Jesus Correia e o último se tivessem estreado, há dois anos, contra a Suíça, no Estádio Mayer. Para melhor definição: metade da turma era na realidade composta de gente nova — e a outra metade por «pessoal antigo...» não envelhecido.

Uma coisa, porém, predominou e ficou patente. Claramente. Sem sofismas. E talvez que fosse caminho aberto para o triunfo. Referimo-nos à admirável condição física dos jogadores, todos eles sem excepções, com superioridade manifestada categoricamente sobre os adversários! Resultou assim uma imposição de velocidade tal ao jogo que ninguém resistiu. Movimentação. Dinamismo. Exuberância de faculdades físicas. Três triunfos na verdade preciosísimos... E tudo então abdicou! A boa técnica inglesa. A pujança e proverbial fogosidade italiana. Tudo — para só existir uma equipa à altura das circunstâncias do momento e capaz de ganhar o campeonato! O público, este maravilhoso, maleável e bom público português, compreendeu isso perfeitamente — dando à turma lusitana o melhor apoio que poderia.

E devia. Que eles, como compensação, também lhe deram muita e muita alegria.

Cabem os melhores elogios à equipa. *Cipriano* correspondeu em absoluto — até mesmo nas situações de mais apuro... Está ali, sem dúvida, o sucessor ambicionado de *Adrião*. Na defesa, *Lopes*, impondo-se... defendeu-se muito bem das dificuldades de imprevisão. Soube ser hábil e discreto. Dos irmãos Serpas — *Sidónio* tinha de ser fatalmente o mais exuberante. Jornada de verdadeira glória. Todos os elogios serão poucos. Mas *Oliveiro*, experimentado, calmo, certo quase sempre, também se evidenciou — especialmente no auxílio à defesa. Virá ele a ser, num futuro talvez próximo, o substituto de *Lopes*? Quanto aos primos *Correias* (Jesus em particular) constituiram sempre uma avançada perigosíssima. Electrizaram positivamente a multidão e deslumbraram e confundiram muitos antagonistas. A Walters ouvimos uma noite dizer: — *Estes rapazes são o demónio... Querem melhor definição?! Mas se a toda a equipa — segura, homogénea, consciente e velocíssima no andamento do «seu» jogo — cabem os maiores elogios, certo é, também, que os papéis do seleccionador e do médico foram decisivos. José Prazeres e o prof. Luís Adão merecem parabéns pelo seu trabalho. E encômios. E incitamentos. E amparo — que aliás nunca os dirigentes federativos lhe negaram. Em suma: parabéns a todos — porque todos tiveram quinhão no triunfo que culminou o des-jc unânime dos desportistas portugueses.*

A equipa de Portugal cuja estrea não foi de modo algum auspiciosa: pois em Maio de 1930, em Hernebay, apenas pôde obter o penúltimo lugar e bater a Bélgica (3-1) no desafio da despedida — tem desenvolvido acção de certo modo agradável e ascensional; se no primeiro ano, e no seguinte, em Montreux, só deixou atrás de si a Bélgica, novamente derrotada por 2-1, depois com o correr do tempo e a experiência, foi ganhando confiança, subindo gradualmente, batendo sem remissão adversários mais bem apetrechados... até chegar a ser campeão do Mundo! Está no apogeu. Que a espera agora? O título é uma compensação — mas constitui ao mesmo tempo uma preocupação constante e uma necessidade de preparação cuidada que se não pode nem deve descurar... Nos campeonatos anteriores — aqui, entre parentesis, uma referência muito especial à acção dos pioneiros, aquela magnífica turma do Benfica (*Adrião*, *Adão*, *Prazeres*, *Magalhães*, *Leonel* e *José Carlos*) que há precisamente 17 anos tão boa conta dera de si no torneio de Hernebay — nos campeonatos

anteriores, acentue-se, Portugal marcou sempre lugar de relevo. Isso justificou a preferência de Lisboa para disputa da primeira competição do após guerra.

Pormenor curiosíssimo a anotar: **Portugal nunca foi último!!!** E dessa façanha apenas podem vangloriar-se, mais, a Inglaterra — sempre vitoriosa... até Lisboa! — e a Alemanha. Todas as outras nações têm a «nódoa» (algumas até somente com derrotas) no seu passado de actividades oqueísticas internacionais em concurso: Bélgica — em 1927, de 1929 a 32 e em 36 (seis vezes em três campeonatos!); França — em 1934 e 37 (2 em 13); Itália — 1939 e 47 (2 em 13); e Itália — 1926 e 28 (2 em 11). Nestes anos, as equipas mencionadas não ganharam um desafio sequer, e a Bélgica (1927, 29, 31, 32 e 36), a França (das duas vezes: 1934 e 37), a Itália (em 1926) a Suíça (em 1947) só conheceram a derrota quando classificadas na última posto! Portugal este e sempre livre de tal «sombra negra»... Como pode verificar-se, aliás, pelo seu quadro de resultados, que é o seguinte:

	J.	V.	E.	D.	Golos	Clasfc.
Em 1930	5	1	1	3	6-14	5. <sup>o</sup> (*)
» 1931	6	1	1	4	7-22	6. <sup>o</sup>
» 1932	5	2	—	3	11-19	4. <sup>o</sup>
» 1936	6	4	—	2	11-10	5. <sup>o</sup>
» 1937	6	5	1	2	11-9	5. <sup>o</sup> (**)
» 1938	6	3	—	3	13-11	4. <sup>o</sup>
» 1939	6	2	2	2	6-11	5. <sup>o</sup>
» 1947	6	6	—	—	27-8	1. <sup>o</sup>
	46	22	5	19	92-104	

(\*) — Igualdade em pontos com a Suíça.  
(\*\*) — Idem com a Itália.

Apesar de nunca se haver classificado no posto da cauda, a turma de Portugal, que já mais passou um campeonato «em branco», quer dizer sem vitória — de 1947 foi até coroado de triunfos... — também registou os seus desaires; os quais foram: em 1930 (*Hernebay*) — contra Inglaterra (1-5), Alemanha (0-5) e França (1-2); em 1931 (*Montreux*) — contra a Alemanha (3-5), Suíça (0-4), Inglaterra (0-4) e França (1-7); em 1932 (*Hernebay*) — contra Inglaterra (2-4), Alemanha (2-3) e França (1-10); em 1936 (*Estugarda*) — contra Inglaterra (0-6) e Itália (2-3); em 1937 (*Hernebay*) — contra Inglaterra (1-3) e Itália (3-4); em 1938 (*Antuérpia*) — contra Bélgica (2-3), Itália (1-3) e Inglaterra (0-3); em 1939 (*Montreux*) — contra Itália (1-5) e Inglaterra (1-3).

Estes são os «pontos negros» da equipa nacional. Mas quem os não lem?! Em desporto nem sempre se ganha... Se assim fosse — o desporto não seria uma competição atlética em que, na generalidade, o mais forte leva a melhor.

Os quarenta e seis desafios do grupo lusitano — em campeonatos do Mundo (três) e da Europa (oito) — não contando com os do torneio de 1946, em Montreux,

que não foi oficializado, nem com os desafios extra contra a Itália (1939) e Suíça (1945) em Lisboa, cifram-se na tabela seguinte:

	J.	V.	E.	D.	Golos
Alemanha.....	7	4	—	3	15-17
Bélgica.....	8	7	—	1	22-9
Espanha.....	1	1	—	—	2-1
França.....	8	4	1	3	21-21
Inglaterra.....	8	4	—	7	7-22
Itália.....	6	1	1	4	11-18
Suíça.....	8	3	5	1	14-10
	46	22	5	19	92-104

Quer dizer: todos os países já perderam com Portugal! Falta-vam Inglaterra e Itália, batidas agora, finalmente, e oficialmente, por 3-0 e 3-2; mas a Itália (equipa de Novara) tinha sido derrotada em 1946, no torneio internacional de Montreux, extra-campeonatos, por 5-1.

Muito embora *Oliveiro Serpa* (com 38 golos na totalidade) seja o melhor marcador da selecção de Portugal — e Jesus Correia tenha igualado: 23 — é ainda *Leonel Costa* (23) que figura em n.º 1 na tabela dos campeonatos mundiais e europeus — pois não se contam os desafios extras (de Lisboa e de Montreux) — quadro que se publica a seguir:

	Alemanha	Bélgica	Espanha	França	Inglaterra	Itália	Suíça	Total
Leonel...	6	6	—	5	2	2	2	25
Oliveiro...	2	4	—	6	—	3	3	17
Correia...	—	3	1	4	1	1	2	12
Santos...	—	5	—	2	1	2	2	11
Prazeres...	5	—	—	1	—	—	—	6
Adão.....	1	3	—	1	1	—	1	7
Sidónio...	1	2	1	—	—	1	2	7
Magalhães	—	1	—	—	1	—	1	3
Mendes...	1	—	—	2	—	—	—	3
Carreira...	1	—	—	—	—	—	—	1
Totais....	15	22	2	21	7	11	14	92

O guarda-redes *Fernando Adrião* — escolhido para todos os jogos... até 1939 — continua a ser o recordista de seleções: tem 40 e mais uma extra (Itália). Seguem-se-lhe, mas aqui somente indicados nas partidas de campeonatos: *Leonel Costa* (34), *Oliveiro Serpa* (30), *António Adão* (25), *Sidónio Serpa* (24), *José Prazeres* (23), *Germano Magalhães* (21), *Alvaro Lopes* (18), *Jorge Evaristo* (13), *Alberto Mendes* (12), *Santos* (6), *Correia dos Santos* (6), *Jesus Correia* (6), *José Carreira* (1) e *Luís Aquino* (1). Como suplentes: *José Carlos* (em 1930), *António Bernardino* (1939), *Emídio Pinto* e *Manuel Soares* (1947).

Honra e glória à brava equipa de Portugal-1947, muito digna sucedânea de quantas têm disputado estes torneios internacionais, que culminaram com a obtenção do primeiro título colectivo de campeão do Mundo para o País. Agora, só uma coisa se deseja, e vem a ser a «confirmação» — por que todos esperamos com ansiedade e esperanças. Que ela seja um facto em 1948. Mas se não puder ser...

Jorge Monteiro

A seguir: VIII — Caminho para triunfo.

Stadium

Desde o n.º 1, 2.ª Série, cada exemplar, 2\$50

Stadium



# Nos campeonatos europeus de remo a representação portuguesa houve-se com brio

**D**EZANOVE anos decorreram desde que uma equipa de remadores portugueses tomara parte num campeonato da Europa; raros haviam sido, entretanto, os nossos contactos internacionais, resumidos nos últimos anos à competição com as tripulações espanholas. Por estes motivos se podia afirmar que nos faltavam elementos comparativos para podermos determinar com exactidão o nosso valor na escola europeia.

A participação dos remadores caminhenses nos campeonatos da Europa, em outriggers, de 4 e de 8, — não falamos da presença do remador de skiff, porque essa nada teve de significativo —, era portanto iniciativa necessária mas baseada numa incógnita.

As conclusões foram plenamente satisfatórias e autorizam-nos a elaborar com certa confiança os planos para o futuro. Pode parecer de exagerado optimismo esta afirmação, a quem considere apenas, em plano absoluto, a classificação nas duas regatas: 5.º lugar na corrida de quatro; eliminação na de oito, com um 5.º lugar na eliminatória e 3.º lugar na repescagem; mas o observador mais atento, que pondere as circunstâncias e analise os factos, aliar-se-á à opinião emitida.

Considere-se, em primeiro ponto a dupla tarefa que agravava de fadiga os nossos melhores quatro remadores, obrigados a disputar duas provas por dia; que extraordinária resistência e poder de recuperação, a de estes homens, para levar a cabo sem defalecimento tão oneroso dispêndio de energia. Pensemos que houve tripulações vencedoras nas eliminatórias de sexta-feira, em tempo recorde, que nas finais de domingo falharam por completo, em virtude de ressentirem ainda o esforço dispendido quarenta e oito horas antes; os nossos rapazes, com quatro corridas muito duras em dois dias, conseguiram na final terminar em 5.º lugar, a 9,7 segundos do vencedor, cujo tempo batia o anterior recorde local por 2,2 s. Isto basta como afirmação de classe.

Tecnicamente também a lição foi proveitosa; os nossos remadores aperfeiçoaram-se durante a semana de treino no lago Rotsee e puderam, além disso, verificar as suas deficiências de estilo e defectos a corrigir. Destes, aquele que mais prejudicou os resultados foi, sem dúvida a ineficácia da embalagem de largada; de todas as vezes que correram, as tripulações portuguesas perdiam, em relação aos competidores, o mínimo de dois cumprimentos, atraso com que eram anunciados à passagem nos 300 metros.

Cortajosa e valorosamente, lutaram para depois recuperar esse handicap e, se confrontarmos com a distância à chegada, não é facilíssimo afirmar que sempre conseguiram ganhar terreno. Eliminada essa ineficácia da aceleração inicial, qual teria sido a classificação dos caminhenses?

Repetimos: condições físicas, possuem-nas talvez como nenhuns. Falta-lhes o aproveitamento pela perfeição técnica.

Para complemento destes comentários, vamos registar a lista dos vencedores e seus tempos, os melhores tempos alcançados em cada categoria, os resultados dos portugueses e os antigos recordes locais.

**Outriggers de quatro:** campeão, França, em 6 m. 41,1 s., melhor tempo da prova. Antigo recorde, 6 m. 43,3 s.

Portugal foi 2.º na eliminatória em 6 m. 47,7 s., 1.º na repescagem em 6 m. 53,5 s. e 5.º na final em 6 m. 50,8 s.

**Pair-oes (dois sem timoneiro):** campeão, Dinamarca em 7 m. 18,1 s. Melhor tempo: Suíça, na eliminatória, 7 m. 17,9 s., Antigo recorde, 7 m. 18,4 s.

**Skiff:** campeão, França, 7 m. 23,4 s., com 7 m. 21,9 s. na eliminatória, melhor tempo da prova. Recorde local, não batido, 7 m. 11,7 s., do suíço Studach em 1937.

Portugal foi 6.º e último na eliminatória em 8 m. 5,3 s. e na repescagem em 8 m. 2,8 s.

**Dois com timoneiro:** campeão, Hungria, em 7 m. 38,8 s., melhor tempo, da Suíça na eliminatória, 7 m. 37,5 s. Antigo recorde, 7 m. 48,1 s.

**Quatro sem timoneiro:** campeão, Itália, em 6 m. 35,7 s., melhor tempo da prova. Antigo recorde, 6 m. 38,5 s.

**Double-Scull:** campeão, Holanda, em 6 m. 55,4 s.; melhor tempo, da Checoslováquia, na repescagem, 6 m. 54,2 s. Antigo recorde, 6 m. 57,7 s.

**Outriggers de oito:** campeão, Itália, em 6 m. 8,7 s., o melhor tempo da prova. Antigo recorde, 6 m. 10,2 s.

Portugal foi 5.º na eliminatória em 6m. 27,7 s. e 3.º na repescagem em 6 m. 19,2 s.

SALAZAR CARREIRA



O maravilhoso cenário do lago Rotsee, em Lucerna, onde se correram os campeonatos europeus de remo



A tripulação portuguesa que se classificou em 5.º lugar entre 12 participantes no campeonato europeu



Na final de outriggers de 4, aos 1.200 metros, do primeiro para o último plano, Suíça, Portugal, Checoslováquia, Itália e França, de cuja tripulação apenas se apercebe o timoneiro. A Hungria já fica para trás



Outro aspecto da final de 4; a meta está mais próxima e as embarcações encurtaram as distâncias que as separavam



Os remadores portugueses do Caminhense, saindo o barco de água após um treino

Cortajosa e valorosamente, lutaram para depois recuperar esse handicap e, se confrontarmos com a distância à chegada, não é facilíssimo afirmar que sempre conseguiram ganhar terreno. Eliminada essa ineficácia da aceleração inicial, qual teria sido a classificação dos caminhenses?

Repetimos: condições físicas, possuem-nas talvez como nenhuns. Falta-lhes o aproveitamento pela perfeição técnica.

Para complemento destes comentários, vamos registar a lista dos vencedores e seus tempos, os melhores tempos alcançados em cada categoria, os resultados dos portugueses e os antigos recordes locais.

**Outriggers de quatro:** campeão, França, em 6 m. 41,1 s., melhor tempo da prova. Antigo recorde, 6 m. 43,3 s.

Portugal foi 2.º na eliminatória em 6 m. 47,7 s., 1.º na repescagem em 6 m. 53,5 s. e 5.º na final em 6 m. 50,8 s.

**Pair-oes (dois sem timoneiro):** campeão, Dinamarca em 7 m. 18,1 s. Melhor tempo: Suíça, na eliminatória, 7 m. 17,9 s., Antigo recorde, 7 m. 18,4 s.

**Skiff:** campeão, França, 7 m. 23,4 s., com 7 m. 21,9 s. na eliminatória, melhor tempo da prova. Recorde local, não batido, 7 m. 11,7 s., do suíço Studach em 1937.

Portugal foi 6.º e último na eliminatória em 8 m. 5,3 s. e na repescagem em 8 m. 2,8 s.

**Dois com timoneiro:** campeão, Hungria, em 7 m. 38,8 s., melhor tempo, da Suíça na eliminatória, 7 m. 37,5 s. Antigo recorde, 7 m. 48,1 s.

**Quatro sem timoneiro:** campeão, Itália, em 6 m. 35,7 s., melhor tempo da prova. Antigo recorde, 6 m. 38,5 s.

**Double-Scull:** campeão, Holanda, em 6 m. 55,4 s.; melhor tempo, da Checoslováquia, na repescagem, 6 m. 54,2 s. Antigo recorde, 6 m. 57,7 s.

**Outriggers de oito:** campeão, Itália, em 6 m. 8,7 s., o melhor tempo da prova. Antigo recorde, 6 m. 10,2 s.

Portugal foi 5.º na eliminatória em 6m. 27,7 s. e 3.º na repescagem em 6 m. 19,2 s.



# O encontro Portugal-Bélgica

## mostrou as possibilidades nacionais

### Alvaro Dias e João Vieira, heróis da jornada

**Q**UANDO se conheceu o acordo entre as Federações belga e portuguesa para a celebração em Lisboa do encontro entre as equipas representativas das duas nações, que seria o primeiro contacto nosso com o atletismo europeu de além-Pirineus, houve quem considerasse temeridade tal iniciativa, prevendo — pela diferença de classe dos adversários — tão grande esmagamento, que em vez de incentivo resultaria causa de desânimo.

Felizmente, os dirigentes persistiram no seu propósito e os pessimistas encontram-se agora na contingência de dar a mão à palmatória: durante dois dias assistimos a luta cerrada, no primeiro de igual para igual, no segundo com assuetada vantagem dos belgas, cuja supremacia se impoz na maioria das competições, mas sempre os nossos opoando tenaz resistência e alcançando alguns resultados que nos colocam no primeiro plano mundial.

As possibilidades do atletismo português ficaram bem demonstradas, como se patentearam as suas fraquezas e deficiências; mas que aos próprios contendores surpreendemos, prova-o o facto de, havendo a Federação belga insistido sempre nas conversas preliminares sobre a condição da visita ser sem compromisso de retorno, ter este organismo formulado depois do encontro o convite formal para a deslocação dos portugueses à Bélgica em 1948 ou 1949, se os Jogos Olímpicos a impedirem no ano próximo.

Mais ainda: o ilustre escultor Pierre de Soete, membro da Comissão de Honra da Liga Belga de Atletismo, ofereceu às duas Federações um troféu perpétuo para ser disputado no encontro anual entre as suas seleções representativas.

Os nossos simpáticos amigos — não me são bem chamar-lhes adversários, tão íntima foi a camaradagem com os meios atléticos portugueses — trouxeram os seus melhores valores, alguns corredores de grande classe que empareceram com os melhores do continente. Venceram, evidentemente, mas a lição que trouxeram foi proveitosa e na sua cola, muitos dos nossos alcançaram os seus melhores resultados de sempre.

Reiff, Brackman e Wattyne foram, em nossa opinião os homens que nos trouxeram uma visão admirável de perfeição atlética e mostraram classe à parte dos companheiros. A ligeireza do seu estilo, a perfeita descontração, a facilidade de aceleração final irresistível, foram pormenores que encantaram quem olha sabendo ver.

A prova de Brackman nos 110 m. barreiras demonstrou aos portu-

gueses que ainda só tinham visto atletismo em Portugal, como se «passam barreiras», em vez de «saltar barreiras».

Consagremos palavras de louvor aos atletas nacionais que souberam empenhar o máximo do seu entusiasmo para colocar em plano honroso o desporto do país; excederam-se alguns, outros encontraram a oportunidade para revelarem o máximo das suas possibilidades. Outros, ainda, apresentaram-se com preparação insuficiente, como se os campeonatos houvessem bastado às suas ambições; poucos foram, mas tiveram na sua classificação o próprio castigo.

De lamentar, apenas, a recusa de Paquete a correr na estafeta 4x100 metros, que nos custou a vitória na prova. Não comentaremos mais o caso até que a Federação averigue e se pronuncie; nada justifica que um português, honrado com a designação para defender as cores nacionais, negue a sua colaboração no próprio momento da prova.

A organização das duas jornadas foi, de modo geral, satisfatória; um tanto lenta no sábado, melhorou no domingo, dia em que ficou porém assinalada pelo indesculpável incidente que veio estragar a corrida de 400 metros, uma das que melhor prometia e era esperada, depois da estafeta da véspera com unânime ansiedade.

O público não correspondeu aos encargos do empreendimento; o estádio, no sábado, registou escassa assistência e, nestas condições, são impossíveis quaisquer iniciativas além do trivial.

Ignora-se ainda, neste momento, se a temporada findou com este encontro, pois não foi recebida qualquer informação definitiva dos organismos espanhóis, referente ao projectado encontro ibérico em fins do mês corrente. Reconhecemos que os resultados de interesse público deste Portugal-Bélgica foram pouco animadores para novos e arriscados ensaios de organização internacional. E é pena que assim seja. Por todos os motivos e, sobre todos porque assim nunca mais progrediremos como temos possibilidades para o fazer.

### A 1.ª Jornada

A afluência de público não correspondeu à importância e interesse da organização. É verdade que o Sporting, clube de mais fundas raízes na tradição do atletismo, foi jogar futebol à mesma hora...

O espectáculo foi magnífico e a luta entre os portugueses e os seus camaradas belgas, porque excedeu em ardor e brio toda a expectativa, conquistou progres-

sivamente o entusiasmo dos assistentes.

Os 400 metros barreiras deram-nos auspicioso início: vitória nítida de Matos Fernandes, que se destacou a partir da 7.ª barreira, e não mais cedo porque falhou o ataque dos dois obstáculos precedentes, obrigado a encurtar a passada. Artur Dias, que dos quatro foi o mais rápido a partir, lutou corajosamente, mostrando progresso na forma.

Resultado: 1.º Matos Fernandes, 56,5 s.; 2.º Dits, 59,95 s.; 3.º Artur Dias, 59,2 s.; 4.º Schwartz, 1 m. 1 s. (cafu na 8.ª barreira).

Os portugueses obtiveram o seu melhor tempo da época; Dits está creditado este ano em 56,4 s, Schwartz em 56,5.

Seguiu-se o lançamento do disco, no qual a luta se travou equilibrada entre os dois belgas e Manuel da Silva. O campeão nacional, José Luís, apresentou-se destreinado, em condição incompatível com as responsabilidades de atleta pundonoroso; um título conquista-se e dignifica-se depois pelo trabalho consciencioso.

Os belgas não nos ensinaram nada; Verhos é um colosso com dotes naturais mas sem habilidade, pois não é de admitir de outro modo que não execute a rotação no círculo. Denis, que inicia o lançamento pela fórmula italiana, de costas para o centro do círculo, é mais perfeito na técnica, mas gira muito lentamente.

Resultado: 1.º Verhos, 41,09 metros; 2.º Denis, 40,95 metros; 3.º M. Silva, 40,09 metros; 4.º José Luís, 37,05 metros.

Manuel da Silva alcançou o seu melhor resultado da época; os máximos deste ano foram de 43,59 metros para Verhos e de 42,50 metros para Denis.

O salto à vara deu-nos absoluta superioridade; os dois belgas, apesar de creditados esta temporada em resultados superiores (Van Peteghem, 3,70 metros; Degen, 3,60 metros), ficaram ambos nos 3,30 metros, com derrubes nas alturas precedentes, que os nossos transpuzeram à primeira tentativa.

Montalvão venceu, com 3,50 metros (melhor marca do ano), mas continua com defeitos, dos quais o mais prejudicial é passar de costas sobre a barra. Santos Vieira, mais correcto, parou nos 3,40 metros.

Aqui também nada nos mostraram os belgas, que os nossos saltadores não soubessem já.

A corrida de 800 metros, conduzida em andamento moderado, provou a larga margem de valor entre os visitantes e os nossos

jovens representantes. Com a prova tal como decorreu, deixando-se conduzir pelos belgas para arrancar nos 200 metros finais, Francisco Bastos teria vencido, se estivesse na pista.

Domingos Canhão, que obteve o seu recorde pessoal, acompanhou os adversários até à entrada da recta final, onde lhe faltaram as pernas para acompanhar a embalagem; mostrou possuir, dos quatro, a mais ampla passada.

Os belgas puzeram patente a ligeireza e descontração da moderna corrida, precioso ensinamento para os portugueses.

Resultado: 1.º Brancart, 1 m. 59,5 s.; 2.º Brys, 2 m.; 3.º Canhão, 2 m. 1,3 s.; Castelo Branco, 2 m. 4,9 s. Melhores tempos nesta época: de Brancart, 1 m. 54, s. e de Bry 1 m. 54,6 s.

A corrida de 100 metros foi para nós uma desilusão; apesar do conhecermos a classe do belga Breckman, que já este ano batera com 10,5 s. o recorde do seu país, confiávamos no valor dos portugueses, sobretudo de Nuno Morais. Não nos passara pela mente que o campeão nacional, sabendo de antemão que teria de defender contra estrangeiros as cores portuguesas, esquecesse o seu dever de desportista ao ponto de abandonar o treino e perder por completo a forma.

Até aos 60 metros, Morais comandou a corrida, mas os recursos faltaram-lhe no final e foi ultrapassado pelo belga e por Núnico, com o seu pior tempo da temporada.

Resultado: 1.º Breckman, 10,9 s.; 2.º Núnico, 11,1 s.; 3.º Morais, 11,2 s.; 4.º Bourgaux, 11,3 s.

O salto em comprimento foi a melhor prova pela categoria internacional do resultado, que consagrou um grande atleta português como candidato à selecção olímpica.

Os 7,34 metros conseguidos à 5.ª tentativa por Alvaro Dias (com 7,115 metros — 7,12 metros — 7,06 metros — 7,15 metros e um salto anulado por pisar a marca mas que era maior que estes, nas outras tentativas) iguala a segunda marca alcançada em 1947 na Europa. O melhor resultado pertence ao russo Kustenov, com 7,50 metros, seguindo-se o alemão Luther e o holandês Naakgeboren, ambos com os 7,34 metros.

É susceptível ainda de aperfeiçoamento, o nosso grande campeão, mas pela sua descontração na corrida preparatória é o atleta português que mais se aproxima da forma exibida pelos corredores belgas.

Tamegão, recém-chegado da Suíça, contraidíssimo na corrida,



ficou muito aquém do que pode. Resultado: 1.º Alvaro Dias, 7,34 metros, recorde de Portugal; 2.º Brancart, 6,78 metros; 3.º Hutsbaut, 6,745 metros; 4.º Tamegão, 6,67 metros.

Os 5.000 metros foram corridos pelos belgas em perfeito à vontade, dando-nos bela demonstração de entendimento e tática: partiram rápido, a provar os adversários, confirmaram-se da sua superioridade em meia dúzia de esticões durante o percurso e na recta final abalaram sem remissão.

Filipe Luis lutou corajosamente e fez uma inteligente tentativa para tomar a cabeça e abrandar o andamento, mas os adversários não lho consentiram; o público do topo sportingista assobiou no final os belgas, numa infeliz atitude que só provou incompreensão e desconhecimento.

Araújo não tem ainda fundo para tais andanças. Resultado: 1.º Wathya, 15 m. 31 s.; 2.º Doms, 15 m. 33,4 s.; 3.º Filipe Luis, 15 m. 38,1 s.; 4.º Araújo, 17 m. 8,8 s.

Filipe Luis estabeleceu a sua marca recorde; Wathya fez o seu melhor resultado da época, ao passo que Doms já obteve 15 m. 28,2 segundos.

O lançamento do dardo foi porbríssimo; Prudhomme atingiu quase 52 metros no primeiro ensaio, mas mordeu o limite e fez uma distensão no ombro que o prejudicou no seguimento da prova.

Resultados: 1.º Fontaine 48,36; 2.º Cardoso, 48,275; 3.º Tamegão, 48,25; 4.º Prudhomme, 48,2.

Os nossos lançadores pecam pela má posição do dardo no momento da impulsão, que não é aplicada no sentido do eixo. Em consequência o dardo sobe demasiado e perde alcance.

Os belgas tinham como melhor marca em 1947, respectivamente 51,54 e 55,80.

A estafeta de 4x400 metros, que encerrou o programa foi empolgante e a vitória portuguesa, alcançada com extraordinária vontade por Artur Dias, Domingos Canhão, Matos Fernandes e Sampaio Peixoto, trouxe-lhes também o novo recorde nacional, com 3 m. 27,6 s., média de 51,9 s.

Ao cabo do primeiro dia, a vantagem belga era apenas de 5 pontos; o comportamento dos atletas lusitanos ultrapassara as mais otimistas previsões.

## A 2.ª Jornada

O programa começou pela corrida de 110 metros barreiras, onde a superioridade belga foi manifesta; Braekman é excelente estilista e, correndo à vontade, dominou largamente os competidores. A sua passagem do obstáculo, rasando-o sem o mínimo tempo de planar, foi uma das mais proveitosas lições que o encontro proporcionou.

Resultado: 1.º Braekman, 15,2 s.; 2.º Lvermans, 15,8 s.; 3.º Ferreira, 16,2 s.; 4.º Alcide, 16,5 s.

O recorde de Braekman é de 14,5 s. e o do seu companheiro, de 15,3 s.

A prova de salto em altura foi em tudo semelhante às provas nacionais: nem melhor resultado,

nem revelações de estilo. A sorte não nos ajudou, pois Matos Fernandes era, do lote, o especialista com maiores recursos; um derrube na primeira tentativa a 1,80 relegou-o para o segundo lugar. Está saltando demasiado em comprimento e isso prejudica-o na altura; a distância entre o ponto de chamada e o de queda será além de quatro metros, o que é exageradíssimo.

Resultado: 1.º Bequet; 2.º Matos Fernandes; 3.º Menezes, todos com 1,80; 4.º Dayer, 1,70. Menezes alcançou o seu melhor e Bequet já este ano saltara 1,83.

A corrida de 200 metros proporcionou nova vitória a Braekman. É sintomático que os belgas hajam incluído nesta distância o seu grande campeão, quando era outro o designado previamente. Consequência, por certo, das observações da véspera sobre o valor dos portugueses.

Eleutério veio à frente durante cento e vinte metros, mas cedeu para o final.

Resultado: 1.º Braekman, 22,5 s.; 2.º Sampaio Peixoto, 22,8 s.; 3.º Bourgaux, 22,9 s.; 4.º Eleutério, 23,1 s.

Sampaio, em evidente melhoria de forma, obteve a sua melhor marca deste ano, no decurso do qual já Braekman alcançou 22,2 s. e Bourgaux 22,6 s.

Convém assinalar que a pista do Sporting continua ainda em más condições de rendimento, por demasiado friável; os belgas queixam-se do facto, que influiu consideravelmente em todos os tempos registados.

Os 1.500 metros eram esperados com interesse pela presença de Reiff, o homem que se candidata aos recordes do Mundo dos 2.000 e 3.000 metros e cujo melhor tempo na distância é de 3 m. 52,2 s.

O famoso corredor limitou-se a assegurar a classificação do companheiro para fugir com a maior das facilidades nos 300 metros finais; até esse ponto, Joaquim Branco conseguira acompanhar os dois belgas e, se no restante ficou distanciado, nem por isso deixou de provar o seu valor, conseguindo a segunda marca nacional.

Castelo Branco, apesar de haver também alcançado a sua melhor marca, ficou longe dos competidores.

Resultado: 1.º Reiff, 4 m. 5,3 s.; 2.º Everaert, 4 m. 7,1 s.; 3.º Branco, 4 m. 10,9 s.; 4.º Castelo Branco, 4 m. 18,2 s.

Os dois belgas estabeleceram os melhores tempos conseguidos em Portugal.

O lançamento do peso efectuou-se em local distante e mal orientado, que impede por completo qualquer visão dos espectadores da bancada.

Os resultados, normais, foram: 1.º Verhos, 13,61 metros; 2.º Dayer, 13,085 metros; 3.º Pinto Basto, 12,765 metros; 4.º Ruivo 12,69 metros.

Os belgas, em estilo, valem os nossos.

O triplo-salto, que se disputou em seguida, trouxe às cores por-

tuguesas o primeiro e excelente triunfo na jornada.

Ao primeiro salto Vieira ficou à cabeça com 14,085 metros; na tentativa seguinte atingiu 14 metros, mas foi ultrapassado por Alcide, com 14,47 metros. Os dois belgas haviam provado já não poder competir com a nossa valorosa pareilha.

Ao terceiro ensaio, Vieira falha e Alcide atinge 14,36 metros, mas magôa-se num calcanhar e não consegue mais nenhum salto capaz. Em contrapartida, Vieira regula primorosamente a corrida e a chamada e, sucessivamente, alcança 14,305 metros, 14,245 metros e 14,70 metros, novo recorde nacional, de verdadeira classe internacional.

Foi erradamente anunciado que se tratava da melhor marca europeia deste ano; em realidade figurará como a 7.ª na Europa e a 9.ª no mundo, o que basta para sua glória.

Eis a lista dos dez melhores resultados mundiais em 1947: Ahlman (Suécia), 15,26 metros; Oliveira (Brasil), 15,16 metros; Vera (Chili), 15,13 metros; Avery (Austria), 15 metros; Halgren (Suécia), 14,94 metros; Moberg (Suécia), 14,85 metros; Jonsson (Suécia) 14,83 metros; Rantio (Finlândia), 14,80 metros; Larsen (Dinamarca) e Vieira (Portugal), 14,70 metros.

João Vieira, a quem a federação belga, ofereceu, ao igual de Alvaro Dias, artísticas plaquetas de prata comemorativas das suas proezas, melhorou muito na posição de queda, mas o terceiro salto afigurase-nos ainda curto em relação à amplitude dos dois primeiros que o levam quasi à borda da caixa. Temos nesta especialidade dois homens com possibilidades para disputarem a selecção olimpica

Nos 10.000 metros também os belgas fizeram apelo ao concurso de um atleta que não estava previsto: Wattyne, o vencedor da légua e que reiniciou na vitória.

O nosso Filipe Luis foi excelente segundo, descolado só na embalagem da última volta, ao passo que Marques (em má condição) cedera ao andamento a meio percurso e Leblond aos seis quilómetros.

Resultado: 1.º Wattyne, 33 m. 10 s.; 2.º Filipe Luis, 33,15 m. 2 s.; 3.º Leblond, 33,46 m. 8 s.; 4.º Marques, 34,23 m. 1 s.; Filipe Luis bateu o seu melhor tempo por 29 s.

Seguiu-se a corrida que o público esperava com mais expectativa, a de 400 m. e que um lamentável incidente estragou por completo. Um cachorro que andava já há tempo dentro da pista (os organizadores disseram aos porteiros que não podiam entrar pessoas, mas omitiram acrescentar que os animais também não e aquele cão entrou solenemente pela porta da tribuna central), atirou-se às pernas dos corredores por altura dos 200 metros e não os largou mais; primeiro foi Sampaio a vítima, depois Rosier e, por fim, Artur Dias, que se viu obrigado a parar, pois chegou a ser mordido.

Na altura do incidente, Dias conduzia a prova e Peixoto mantinha favoritismo; a julgar pelo

tempo de Kunnen, único que o bicho não prejudicou, os portugueses podiam ter ganho esta prova, se houvesse um pouco mais de atenção da parte de tanta gente que deambulava em turismo pelo terreno.

Resultado: 1.º Kunner, 52 s.; 2.º Peixoto, 52,3 s.; 3.º Rosier, 53,0 s.; 4.º Dias, em passada depois do incidente.

A equipa nacional dos 4x100 metros apresentou-se desfalcada, pela recusa inadmissível de Tomaz Paquete, cujos motivos compete à Federação averiguar para punir, como a lei determina, quem nega a sua colaboração à representação oficial do país.

Tamegão, destreinado, comprometeu o resultado sem que se lhe possam atribuir responsabilidades; briosa e disciplinadamente aceitou missão espinhosa de última hora.

Eleutério ganhou terreno no percurso inicial, mas Núncio partiu já com atrazo irremissível; ele e Moraes lutaram de par a par com os adversários, mas o handicap era demasiado. Tempos: Bélgica 43,7 s.; Portugal 44,3 s.

A última prova foi o lançamento do martelo, onde os belgas não existiram. Herculano foi o único estilista e Manuel da Silva continua girando em completo desequilíbrio; os lançamentos saíram-lhe, ainda, demasiado baixos.

Resultado: 1.º Manuel da Silva, 41,82; 2.º Herculano, 38,04; 3.º Dayer, 27,09; 4.º Verhas, 24,49.

## Notas finais

Na pontuação do encontro a diferença a favor dos belgas cifra-se em 23 pontos (116-93), correspondendo a 13 vitórias contra 6 (1 corrida de barreiras, 1 estafeta, 3 saltos e 1 lançamento).

Quinze marcas ultrapassaram os 800 pontos finlandeses, a saber, por ordem decrescente:

Alvaro Dias, no salto em comprimento, 897 p.; Braekman, nos 110 metros-barreiras, 896 p.; Vieira, no triplo-salto, 885 p.; Braekman, nos 100 metros, 872 p.; Reiff, nos 1500 metros, 860 p.; Alcide, no triplo-salto, 851 p.; Wattyne, nos 5000 metros, 850 p.; Denis, nos 5000 metros, 843 p.; Everaert, nos 1500 metros, 840 s.; Matos Fernandes, nos 400 metros-barreiras, 838 p.; Filipe Luis, nos 5000 metros, 830 p.; Braekman, nos 200 metros, 815 p.; Núncio, nos 100 metros, 814 p.; Brancart, nos 800 metros, 805 p.; e Laerman, nos 110 metros-barreiras, 804 p.

Os portugueses que mais se distinguiram a seguir foram: Joaquim Branco, 799 p.; Nuno Marais, 787 p.; Matos Fernandes e Menezes, no salto em altura, 786 p.; Sampaio Peixoto, nos 200 metros, 780; Filipe Luis, nos 10.000 metros, 778 p.; Domingos Canhão, 769 p.; F. Ferreira, 749 p.; Eleutério, 745 p.; Artur Dias, nos 400 metros-barreiras, 733 pontos.

Os resultados do dardo são os mais fracos do encontro, inferiores ainda aos de Araújo e Afonso Marques, os únicos que não atingiram as seis centenas de pontos (556 p.).

Salazar Correia



# COMEÇOU a BOLA o jogo das grandes MULTIDÕES



Fotos MANIQUE e F. SA

O novo guardaredes do Benfica começa a impor-se: seguro e atento, está a adaptar-se. Com decisão, nesta fase, pula e agarra a bola, apesar de carregado por um belenense!



Os becks e o homem das redes estão batidos! Espírito Santo aproveitará a oportunidade para passar com conta, peso e medida, e do lance resultará goal!



Junto das balizas belenense: desenvolveram-se jogadas perigosas; Arsénio e Julio obrigam os belenenses a empregar-se a fundo



Peyroteo ataca vigorosamente Ernesto, que, para estreia, deixou boa impressão. Os homens da defesa atlética estão atentos!



O Sporting sabe defender-se e também sabe atacar...



Um ataque perigoso às redes do Oriental. Boa defesa de Fernando





A valorosa equipa belga, à sua entrada em campo



A chegada de Matos Fernandes na corrida de 400<sup>m</sup> barreiras; longe, atrás, Artur Dias e Dits



Brackman, quatro vezes vencedor, a grande figura do encontro



Montalvão, vencedor do salto à vara, transpõe 3 m.50



O salto em comprimento de Alvaro Dias, a melhor marca de todas as provas do encontro



Uma passagem dos 5000<sup>m</sup>; à frente, o vencedor, Wattyne, seguido por Doms, Filipe Luis e Araujo

Fotos MIRANDA



Os capitães trocam galardões antes do começo das provas



Matos Fernandes, com a bandeira portuguesa, na apresentação das equipas



A chegada dos 100<sup>m</sup>., ganhos em excelente estilo por Brackman, tendo à direita Núncio e à esquerda Moraes

# PORTUGAL-BÉLGICA em ATLETISMO



A equipa vencedora dos 4x400<sup>m</sup>., com novo recorde nacional: Dias, Canhão, Matos Fernandes e Sampaio Peixoto

**ARCÁDIA**  
O DANCING N.º 1 DA CAPITAL  
Grande sucesso da parêlha de balle de fantasia  
**LAYLA ET DI MARCO**

E DE TODAS AS ATRAÇÕES INTERNACIONAIS DO ARCÁDIA  
Música constante pela orquestra ARCÁDIA  
AMANHÃ SENSACIONAL ESTREIA DE  
HERMANAS APARICIO

Abertura às 22 h. — Encerramento às 3 h. 1/2

Exibição de Variedades às 24 h. 1/2 e às 2 h.





A mulher e o filhinho de José Martins são os primeiros a felicitá-lo. José Martins recebe o abraço da esposa e olha embevecido para o filho



Djilili diz a José Martins: — Dou-te os meus parabéns. Ganhaste bem... Os ciclistas são inimigos na estrada, mas terminada a competição tudo acaba...

# A VOLTA VIVE

## do sorriso e da emoção

## JOSÉ MARTINS

o «camisola amarela» da 12.ª Volta a Portugal

homem de poucas falas mas de gestos expressivos...

José Martins Carrasco. Eis o nome completo do vencedor da «Volta a Portugal» em bicicleta.

O ciclista do Benfica aparecerá, de futuro, no «palmarés» da grande prova, como um dos seus nomes mais brilhantes. Foi segundo classificado em 1941. No ano passado venceu. Este ano repetiu a proeza. Poucos corredores se podem orgulhar de tal carreira na prova.

Dois triunfos consecutivos afirmam o seu valor. Na verdade, José Martins é um dos melhores ciclistas portugueses de todos os tempos. Não hesitamos em fazer esta afirmação. Os factos, mais que as palavras, o atestam eloquentemente...

Fez-se corredor em França, para onde partiu em pequeno. A saúde trouxe-o um dia à sua terra natal. Voltou a ver o Algarve, Paderne, onde nasceu, o mar, o céu azul de Portugal, o sorriso gentil das mulheres portuguesas... Vestiu a camisola verde dos «leões», a rubra, sanguínea, do Benfica, a discreta da Iluminante, nas suas andanças de profissional.

Quando, este ano, o Benfica reorganizou a sua equipa de independentes, José Martins regressava. De novo o «jersey» vermelho lhe cingiu o corpo robusto...

E a «Volta» começou. José Martins lá foi, sereno, confiante, esperando o momento de jogar a sua cartada. Em Loulé vestiu a camisola amarela. E nunca mais a largou... Apertou-a bem junto a si. Tal como a galinha, que bago a bago enche o papo, Martins foi, minuto a minuto, consolidando a sua vantagem. Quando esta atingiu mais de 6 m. — a «Volta» ficou acabada para o primeiro lugar. José Martins soube defender o seu «bem». No meio do pelotão, olho alerta, reflexos prontos — a inteligência a mandar, os músculos a obedecerem... — Martins não se deixava surpreender. E respondia a todos os andamentos — a subir, a descer, a rolar no 14, no 16, no 18...

Nenhum outro corredor dava como ele a sensação absoluta de poder, de capacidade, de confiança.

Homem de poucas falas, não gosta de entrevistas. É difícil arrancar-lhe uma palavra. Mas há sempre um processo — ainda que

indirecto... Uma frase aqui, uma frase acolá, e pode reconstituir-se o «pensamento» de qualquer homem...

Interrogado no começo da prova, José Martins não parecia muito seguro. Mas, à cautela, não se esqueceu de levar consigo o boné famoso — que foi sua «mascoleta» em 1946.

Dias depois, já vestida a camisola amarela, José Martins mostrava-se mais animado. No seu sorriso trazia laivos de confiança e o seu olhar brilhava na quase certeza de triunfo...

Mas, sempre calmo, sempre previdente, limitava-se a dizer:

— O «velhote» vai indo! Vamos a ver, vamos a ver...

Resposta evasiva? Sem dúvida. Mas quando José Martins fala é preciso seguir-lhe os gestos, avaliar-lhe as reacções... José Martins ao dizer que o «velhote» vai indo traduzia as suas mais firmes esperanças na vitória...

No dia do descanso na Póvoa do Varzim, José Martins continuava reservado. Como é seu hábito. Simplesmente, o seu sorriso era mais aberto, a sua expressão mais desanuviada...

— Isto vai, disse ele a alguém.

E nada mais acrescentaria. Mas, embora respondendo por monossilabos, às perguntas, quase respostas já, que lhe eram feitas, o glorioso vencedor da «Volta» manifestou-se satisfeito pela possibilidade de segundo triunfo na «Volta», pelo concurso dos companheiros — por tudo, enfim, quando à prova está ligado...

Da Póvoa para Lisboa o homem da camisola amarela manteve-se seguro no seu posto, firme na sua classificação. Nas últimas quatro etapas, José Martins foi cauteloso ao máximo, vigiando os adversários mais directos, pronto a responder a qualquer ataque. Os colegas da equipa continuaram a coadjuvá-lo. E José Martins entrou no estádio «José Alvalade», de onde saíra com a camisola encarnada do seu clube, envergando o «jersey» amarelo — que além do valor estimativo, resume, sintetiza, um belo valor material!

Através de José Martins, o Benfica volta a inserir-se no seu nome na lista dos vencedores da grande corrida velocípédica...

Manuel Santos Gonçalves, o «voltaista» n.º 6», como foi chamado em Braga, estreou-se nesta Volta como independente.

Teve actuação brilhante na etapa de Vila Real, onde chegou isolado, com meia dúzia de minutos de avanço. Esperava-se que o jovem ciclista cedesse na subida do Marão — a qual é de respeito...

Mas o benfiquista manteve-se firme no seu posto, sereno, imperturbável, sem desmanchar o ritmo da pedalada.

Bom amador, é já um bom independente. Todos, a começar pelos próprios companheiros, o consideram um fataro bom trepador, da estirpe, quem sabe, de um «Falsa».

E, por isso mesmo, deixaram de o chamar pelo seu nome. Santos Gonçalves, ligara de pouco vulto, género seco, é agora — o «Robie!...»

Na etapa da Póvoa do Varzim, a corrida passou por Lanhosa, uma pitoresca povoação a poucos quilómetros de Viana do Castelo. Manuel Rocha, do Sporting, é dali, os pais possuem, à entrada da localidade, uma quinta de vinhos e comidas.

Quando os ciclistas passaram o pequeno prédio estava engalanado. A sr.ª Rosalina, mãe do Rocha, foi à velha arca bascar as mais vistosas colchas e com elas enfeitou o local.

Depois, aguardou aparentemente serena, a passagem dos corredores. Olho vulto à frente, am «Zé Ninguém», rijo como aço, encavalitado na bicicleta.

A sr.ª Rosalina não conseguia evitar os lágrimes, nem um grito espontâneo, um grito saído do coração, am grito de mãe estremosa:

— Meu rico filhinho! Como ele vem tão amarelo!

Fernando Moreira é o ídolo do Norte. Logo que se entra na região, ainda longe do Porto, sente-se que toda a gente só tem um pensamento — Moreira!

Quando ele passa é um delírio. Os homens gritam até enrouquecer, as mulheres cantam e dançam... O corredor, olhos postos na estrada e nos adversários, quase não dá por essas manifestações de simpatia — melhor, de idolatria. «Sente», todavia, o ambiente e talvez ria, para dentro, quando vê, por exemplo, um entuslasta tirar o boné e... limpar a estrada para Moreira passar!

Ridículo? Não! Apenas a alma popular, rica de significado, vibrando.

Na Póvoa de Varzim, dia de descença, apareceram os primeiros «coçadores de autógrafos».

Logo de manhã cedo os corredores foram assediados por toda a parte.

João Rebelo foi dos mais solicitados. A certa altura, depois de ter satisfeito sem hesitações, o pedido de am dos seus entusiastas, exclamou:

— Por hoje está fechado o expediente.

José Martins alimenta-se bem. Come por dois — ou mais...

No dia de repouso, no Povoão, ao almoço insistia com o criado para lhe servir mais comida. E embora aquele não tivesse oposto qualquer reparo, o rapaz da camisola amarela, à cautela, foi dizendo:

— Dête comida à vontade. Quem paga é o «Diário de Notícias»!

José Martins referia-se ao prémio instituído por aquele jornal, de 500\$00 por dia ao portador da simbólica «camisola amarela»...

Jerónimo Souto, o herói vencido da caminhada para o Porto, pagou caro o seu esforço. Logo no dia seguinte o vimos caminhar com dificuldade. Em Braga, depois de uma queda, teve de abandonar. Fê-lo com amargura, lamentando-se da sua pouca sorte.

— Vou esperá-los a Espozende!, disse com voz comovida!

E lá estava, braço ao peito, a snadar os seus antigos companheiros de lata.

A «Volta» tem aspectos de toda a natureza. Há nela tons de comédia e de drama.

A «Volta» revela valores, cimenta popularidade, cria ídolos.

Nunca a grande prova deixou de desempenhar o seu papel de reveladora de valores. Este ano dois rapazes se têm distinguido. Fernando Sá, do F. C. do Porto, e Joaquim Apolo, do Louletano.

O portense, 19 anos possantes, de lavrador que é, já se tinha afirmado. O algarvio, seco de carnes, tísido pelo Sol, fez, a bem dizer, a sua estreia como corredor na «Volta»...

A sua figura não é bem a de um «Apolo». Mas o corredor mostra-se firme e decidido, «Apolo» na verdade...

A «Volta» tem um sortilégio especial. Prende, subjuga e domina.

O Ildefonso foi à volta deste ano. Não como corredor... O seu tempo já passou. Mas tripulando o carro de apoio dos seus conterrâneos do Algarve, os jovens do Louletano.

Às vezes, no calor da regrega,

A cola «Dissolução de Borracha» — SDI — deve acompanhar todo o ciclista cuidadoso



olhámos para ele. Imperturbavel no volante, descobre-se-lhe no olhar uma chama nova, que alimenta o fogo da sua seadade.

José Marquez aparece também. Veio ajudar e aconselhar o seu pupilo, o jovem Duarte Patrio, do Campo de Ourique. Cartido na escola de desporto, a sua máscara manifesta-se sem ama alteração mesmo quando Patrio não carbarava bem.

E numa altura em que o corredor do C. A. C. O. se lamentava da sua sorte, exclamou:

— Deixa lá, rapazi! Dá tempo ao tempo. O teu dia há-de chegar!

Ouvi, por acaso, estas palavras. Soberam-me bem, pelo contraste com outras que nunca quereria repetir...

\* \* \*

A «Volta», o ciclismo, tem as suas expressões pitorescas.

Eis algumas:

«Estar «lanado» é estar exausto, cansado.

Um «torpedo» é fazer um ataque a fingir, a ver se pega.

Esta designação de «torpedo» trouxe-a para o ciclismo o «Faisca».

\* \* \*

Na disputa do Prémio da Montanha deca-se o caso singular de só uma vez se isolarem dois corredores. Nas outras contagens chegaram sempre mais de vinte corredores em pelotão, disputando-se as classificações ao «sprint».

Acontece que, nas descidas, houve muitas ocasiões em que se isolavam ciclistas.

Comentário de um acompanhante:

— Para a outra vez façam o «Prémio da Montanha» às avessas!

\* \* \*

Nama das etapas, no passar-se por uma pequena povoação, o entusiasmo era delirante.

A ama janela ama senhora batia palmas, gritando: Moreira, Moreira!

Um dos acompanhantes da prova, vendo o entusiasmo da senhora, quis brincar e perguntou-lhe:

— Já passou o Vasco da Gama?

— Vai aí em cima! respondeu a senhora, muito convencida de haver am Vasco da Gama na prova...

M. M.

Ano V — II Série — N.º 249  
Lisboa, 10 de Setembro de 1947

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º  
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

# A «Taça de Honra» de Lisboa

(Continuação da página 2)

sadamente na linha da frente. As coisas devem recompôr-se, mas as perspectivas de Belém não são famosas!

**As equipas como o Oriental perdem num instante o que defenderam durante muito tempo...**

**A**linharam no campo da Amoreira os seguintes jogadores:

*Estoril* — Martins, Eloy, Alberto, Pereira, Cassiano, Nunes, Lorenzo, Caldas, Mota, Vieira e Raul Silva.

*Oriental* — Fernando, Arminio França, Albano, Cruz, Isidoro, Custódio, Augusto, Abrantes, Carlos França, Vicente e Moura.

*Árbitro* — Fausto Santos.

O encontro merece a designação de *muito renhido*. Como luta, esplêndido; como futebol, abaixo da média.

Os *teams* como o Oriental, à base da energia, e sem um plano devidamente organizado, têm altos e baixos na mesma partida, lutando e conservando durante muito tempo um *bon resultado* para o perderem de um momento para o outro. Basta que o adver-

sário não se deixe contaminar pelo processo — o que é difícil, diga-se de passagem! — e produza com friesa o seu futebol de ligação, evitando os obstáculos, isto é, o choque contra os homens que estão na sua frente.

Se levarmos em conta o chamado *domínio territorial*, é evidente que estaríamos em presença de uma injustiça. Mas já por várias vezes temos dito que isso não é verdade. Por vezes não é mesmo quase nada. É que o Oriental dominou intensamente toda a segunda parte, e manteve com certo equilíbrio a primeira.

O Estoril resolveu o seu problema num instante, chegando a um *número* folgade no intervalo. E no segundo tempo deixou de praticar jogo para consumir as suas energias na toada de *defesa cerrada*. Era-lhe tão fácil, nessa altura, com um pouco de serenidade, desenvolver contra-ataques perigosos!

O Oriental, que gostaríamos de ver progredir, deixou-nos boa e má impressão: boa, pelo que respeita à vontade dos jogadores e à sua resistência física; má, no que se refere à ciência do jogo, em duas palavras, ao saber jogar. A equipa precisa mais de lições técnicas do que treinos práticos.

T. S.

# O CAMINHO DO PROGRESSO

**D**eram-se profundas alterações no ritmo de vida do desporto português. A sua existência rotineira e pacata, raro saindo de casa, transformou-se no decurso destes últimos anos e atingiu agora um grau de actividade internacional altamente significativo.

Os desportistas portugueses, quase simultaneamente e por todo o Mundo, assinalam com a sua presença a realidade do seu valor ou as suas aspirações de aperfeiçoamento: os nadadores receberam a visita dos espanhóis; os velejadores foram mostrar o seu talento em Itália, na Suíça e nos Estados Unidos; os remadores participaram, em Lucerna, nos campeonatos da Europa; os oquistas mantiveram intercâmbio de visitas com os catalães e os atletas defrontaram a selecção da Bélgica. Acrescenta-se ainda, para que a lista fique completa, a presença de ciclistas na Volta a Espanha e a organização, em Portugal, de diversos torneios internacionais de ténis.

Não importa, para o nosso caso, analisar os resultados obtidos em todas estas competições, embora se possa assinalar que foram sempre dignos de consideração. O comentário incide apenas sobre o ecletismo e a riqueza da competição e os benéficos resultados que dela é legítimo esperar.

O desporto nacional enveredou assim pelo caminho directo do progresso. No confronto de valores, estímulo de novas lutas, na experiência colhida em meios diversos, colheremos elementos de estudo, de orientação e de trabalho técnico que nos seriam eternamente inacessíveis enquanto nos mantivéssemos no mesmo regime de completo isolamento.

Têm-se-nos revelado insuspeitas possibilidades; a classe dos desportistas portugueses afirma-se por toda a parte susceptível de igualar os melhores desde que seja servida pela técnica moderna que, precisamente, vamos encontrar nestas competições com os representantes dos países mais adiantados na matéria.

Acabou, felizmente, aquele antigo e desesperante isolamento cuja explicação atribuímos à nossa situação geográfica no extremo ocidental europeu. Bastou, para tanto, o prestígio de que hoje goza em todo o universo o nome de Portugal e o apoio efectivo do Estado, fornecendo às Federações ou facilitando aos outros organismos os recursos necessários ao desempenho da sua missão de propagação.

É preciso mais e melhor. De acordo. Mas Roma e Paris não se fizeram num dia e, vencida a força inicial da inércia, a aceleração demanda muito menor esforço.

## Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de Africa

Sede — Rua do Comércio, 85 — LISBOA  
Sucursal — R. do Infante D. Henriques, 73 — PORTO

Serviço rápido de carga e passageiros para a Africa Ocidental e Africa Oriental, Brasil e América do Norte

### FROTA DA C. N. N.

«Sofala»	12.500	Ton.
«S. Tomé» n/m.	9.100	»
«McCâmedes» n/m.	9.100	»
«Robum» n/m.	9.100	»
«Niassa»	9.000	»
«Nova Lisboa»	8.800	»
«Cubango»	8.300	»
«Quanza»	8.300	»
«Lourenço Marques»	6.400	»
«Cabo Verde»	6.200	»
«Congo»	5.000	»
«Nacala»	2.390	»
«Tagus»	1.600	»
«Chinde»	1.393	»
«Luabo»	1.385	»
«Inharrime»	1.000	»
«Save»	763	»

Agências em todos os portos africanos e principais portos do Mundo

Visado pela Comissão de Censura

**Stadium**

assinem a STADIUM



# Porque foi colhido MANOLETE

“**M**ANOLETE” foi colhido porque — como disse o seu peão David — se entregava na hora de matar com a única preocupação de o fazer bem e sem usar daquilo a que os toureiros chamam o seu «tranquilo». «Tranquillo» é o que Cossio define assim na sua enciclopédia «Los Toros»: ardil para executar uma sorte, que chega a ser característico num «diestro» e pelo qual, separando-se das regras académicas consagradas, diminua a dificuldade e o risco.

Na sorte de matar muitos toureiros adquiriram os seus «tranquillos», desde «Lagartijo», com o seu característico passo-atrás, até Pepe Luis que faz a espada descrever mais dum quarto de círculo. «Lagartijo», já velho, explicava assim o seu «tranquillo» ao «Frascuelista» Peña y Goñi: «quando se tem uma doença, toma-se uma medicina. Isso é o meu passo-atrás, uma medicina». O grande compatriota de Manolete, com lealdade cordovêsa, confessava assim o seu «tranquillo» quando a idade já o tinha na situação de doente para a arriscada sorte.

«Manolete», que vimos aparecer mais matador que toureiro, nunca quiz tomar a «medicina», e a sorte de matar era para ele autenticamente «a hora da verdade», aquela em que o toureiro acomete o touro e ambos se encontram, resultando o choque das duas forças contrárias, a violência que, produzida por um erro do primeiro ou um extranho do segundo, pode causar a colhida mortal. «Manolete», de sofrer uma colhida mortal, será a hora de matar — disse David — porque o «diestro» não adoptava um «tranquillo», e porque matava bem, com a mão da espada e com a da «muleta».

A mão que mata é a da «muleta» — diz-se — porque se o touro não lhe obedece ou o toureiro não a baixa bem, o encontro dá-se. Há que cruzar bem, e quem não fizer o sinal da cruz, morre, leva-o o diabo» — dizia um célebre toureiro.

Outro toureiro cordovês, «Machaquito», era frequentes vezes colhido pelo peito — «não ganha para camisas», dizia-se — porque não baixava bem a mão da «muleta». «Manolete» matava bem, com a espada e a «muleta», mas sem uma defesa, um «tranquillo», e por isso foi colhido e morreu, por entrar recto, francamente, honradamente. A morte de «Manolete» guarda em relação à de «El Espartero» aquele paralelismo que existiu entre os dois ídolos de duas épocas diferentes. Foi também causador da morte daquele um touro de Miura, «Perdigón», que, como «Islero», chegou à

Acertou aquela corrida de Miura para cumprir a sua palavra com o empresário de Madrid, apesar de «Guerrita» o querer disso dissuadir retendo-o em Córdova onde toureara na véspera. O seu homónimo Manuel Rodríguez, «Manolete», ia-se também já retirar rico, riquíssimo, e só por cumprir accitou matar a corrida total de Liñares com os Miuras fatídicos. A ideia de que poucas corridas mais lhe faltavam para não voltar a vestir o «traje de luces» é o que mais impressiona, o que mais nos faz sentir a morte do homem novo que parecia quase salvo dos riscos da profissão e com direito a uma vida tranquila com o dinheiro que havia ganho honradamente.

Também «Joselito» anunciava a sua retirada nas vésperas de Talavera, quando em Madrid o público o hostilizava, como a «Manolete», como a «Guerrita», como se não perdoasse aos que chegam a tão grande altura, e ricos. «Joselito», que deixou três milhões de pesetas, que em 1920 quase correspondiam aos quarenta de «Manolete», dissera a um aristocrata seu amigo que fosse preparando o presente de boda, porque pensava casar depois de retirar-se. «Manolete» casar-se-ia ou não, mas já anunciara a sua retirada, e é isto o que, repetimos, mais nos impressiona. Parece que a morte, no exercício pleno da profissão, é mais natural, mais lógica.

Mas era tanto o pundonor de «Manolete», que nem na hora da retirada quiz adoptar um «tranquillo», e sempre e até ao fim foi honradamente valente. Era tão leal, tão honrado na sua vida profissional, e na de relações, que não queremos calar um episódio conhecido acontecido quando da sua última vinda a Lisboa.

Das anteriores corridas de «Manolete» escrevemos sempre crónicas entusiastas que representavam a nossa maneira de ver, desinteressado e obedecendo apenas ao nosso sentir, como sempre fazemos ainda que, como de todos os críticos, em geral, sempre haverá também quem pense em interesses imaginários.



A jovem e bela artista Matia Helena Leite assistiu à última corrida de Manolete no Campo Pequeno. Pelas descrições dos jornais, imaginou assim a colhida de «Manolete», caído por terra, já com o reflexo da perna, ante o touro que morre com a estocada em bom sítio, apoiando-se ainda sobre as mãos abertas, procurando o equilíbrio que lhe falta

«muleta» com muitas reservas e nada claro. Quando igualou, «El Espartero» entrou a matar e resultou volteado, caindo de cabeça para a arena. Levantou-se e, dando mostras de sofrer de comção cerebral, agarrou na «muleta» e no estoque, sem «controle» das suas faculdades, e lançou-se materialmente em cima do touro que com ele tropeçou violentamente, sendo enghanchado pelo ventre e volteado pela haste. Viu-se o toureiro esticar a perna e contrair o rosto num horrível movimento de dor. Quando o touro o lançou na arena, o «espada» teve uma contorsão horrível, juntando os joelhos com a cara, e assim ficou feito um ovo. «Perdigón» tentou de novo acometê-lo, mas, ferido de morte também, caiu rodando como uma péla a dois metros do corpo de Manuel García.

Assim descreveu Enrique Vila, no seu famoso livro «Miuras», morte de «El Espartero», assim, quase assim, foi agora descrita a morte de «Manolete» que com a de «Maolyo» guarda ainda outra semelhança que mais os une na saudade dos «aficionados» e na post-idolatria popular. Manuel García ia-se retirar, rico à custa da sua valentia e de muitas colhidas.

Poderíamos dizer que sendo Pepe Luis Vazquez o toureiro de quem com mais entusiasmo temos escrito nos últimos anos, dele nunca recebemos nem um cigarro. Mas continuemos: «Manolete», na sua última vinda a Lisboa, ofereceu-nos uma caixa de excelentes charutos que nos mandou entregar pelo «ajuda de espadas» António Tavares. Censurámos-lhe a ideia dizendo-lhe que não carecíamos de ofertas para escrever bem dele.

O ofendido pareceu ser então ele que, com a seriedade com que se exprime, nos disse estas palavras que foram as últimas que lhe ouvimos. «À usted siempre lo veo en barrera fumando sus puros, y tendría gusto que fumara estos que le ofrezco como amigo y sin querer ofenderle y ofender-me. Si que escribe lo que pensa». O que nós nunca pensámos é que o não tornassemos a ouvir, que não o víssemos agora despedir-se em Madrid, para onde já nos reservara bilhetes, que não pudera retirar-se e viver tranquilamente, como merecia, o honrado, valente e pundonoroso toureiro.

Rogério Pérez



# A INGLATERRA

## prepara os seus atletas para os Jogos Olímpicos de 1948

Por S. E. Ne son



Um magnífico salto do Príncipe Adedoyin da Nigéria, estudante em Inglaterra, provável competidor nos próximos Jogos Olímpicos de Londres. Adedoyin e o escocês Paterson serão as duas esperanças da Grã-Bretanha visto ambos poderem ultrapassar os 2 metros

**A**doze escassos meses de distância dos Jogos Olímpicos de 1948, as autoridades desportivas inglesas estão a braços com sérias dificuldades de toda a natureza.

Os efeitos do último conflito bélico conjugam-se ferozmente para criar problemas que noutras circunstâncias já mais seriam tomados a sério. Os mais importantes, por agora, parece serem o da alimentação dos atletas e o dos alojamentos das representações nacionais dos diferentes países que concorrem ao certame.

### A representação inglesa será reduzida

As últimas informações, recebidas em Londres, anunciavam que algumas comitivas estrangeiras excederiam duas centenas de pessoas. Quando se tornou conhecido que a representação britânica não ultrapassava provavelmente, seis dúzias de indivíduos, produziu-se uma onda de espanto.

A circunstância dos Jogos se efectuarem em território nacional proporcionava vantagens importan-

tes e, uma delas, e não menos valiosa, é a grandeza do número de concorrentes da Grã-Bretanha. Mas o Comité Olímpico, a que preside Lord Burghley, teve que limitar as suas aspirações e desejos, subordinando-se às duras restrições impostas pela crise.

A sua presciência deverá ser acatada como uma profecia de carácter oficial e, portanto, definitiva. Deste modo, poder-se-á assegurar que, em Wembley, a representação britânica falhará em bastantes provas por falta de número.

### A selecção e a preparação dos concorrentes

O programa da preparação atlética, ao contrário, já se encontra cabalmente elaborado e a maioria dos futuros representantes das Ilhas Britânicas também está mais ou menos conhecida. Como prova eliminatória de carácter semi-oficial escolheu-se o costumeado encontro de White-City, em meados de Agosto e agora celebrado, no qual participam os representantes da Associação Amadora de Atletismo e os Serviços Confederados. Este

ano, porém, o quadro de provas e dos concorrentes sofreu alteração, passando a travar-se o *match* entre os atletas da Federação Britânica de Atletismo Amador e os dos Serviços Aludidos.

### A Inglaterra adoptará o sistema métrico

Uma das inovações mais revolucionárias é a adopção do sistema métrico na marcação das distâncias das provas em vez das clássicas jardas, pés e polegadas, usadas nos países anglosaxónicos.

Tal deliberação produziu certa efervescência nos métodos de treino habituais, sobretudo nas provas de fundo em que a equivalência métrica e dos padrões ingleses não se aproxima de nenhum modo.

Semelhante facto é, apenas, um caso de adaptação. Estamos convencidos de que os 200 atletas seleccionados e de entre os quais hão-de surgir os 70 representantes da Union-Jack, facilmente se acomodam ao novo sistema.

Embora o Comité Olímpico não tencione, de nenhum modo, captar para o *team* nacional os atletas de raça africana, ou semelhante, dos Domínios e Colónias que pretendam concorrer isoladamente com a sua bandeira, parece certo que aproveitará os desportistas das regiões ausentes do torneio. Encontra-se neste caso o Príncipe Adedoyin, da Nigéria, formidável saltador em altura e comprimento, que avizinha os 2 metros e os 7 em uma e outra das modalidades.

Outrotanto não sucederá, todavia, a dois atletas de grande envergadura, os corredores Mac Donald Bailey, da Ilha Trindade, e A. G.

Wint, da Ilha Jamaica, ambos de cor como Adedoyin.

Mc Donald Bailey corre regularmente os 100 metros em menos de 10,6 s. e Wint ganhou agora os 800 no tempo magnífico de 1 m. e 50 s., com cerca de dez metros de vantagem sobre o segundo classificado.

### O problema alimentar resolvido pelos Domínios

O problema da instalação e da despesa com a preparação atlética dos representantes britânicos, não tem o menor auxílio financeiro do Estado mas encontrou nas entidades particulares um notável apoio.

O problema alimentar, todavia, queda por resolver. O secretário da Federação, Mr. Jack Grupp ao ser pressentido sobre um justificado aumento de capitação no racionamento dos atletas, respondeu nos termos seguintes:

«De modo nenhum! Tal medida não seria justa; os atletas não devem gozar de privilégios especiais que as outras secções da comunidade britânica não possuem também. As donas de casa, por exemplo, que neste assunto vivem horas dolorosas.»

Acrescentando a sua ideia, Mr. Grupp concluiu por dizer:

«Vejo uma luz distante anunciando uma esperança. Os Domínios podem ofertar à mãe-pátria generosas dadas alimentares para socorro da preparação dos seus representantes. Isto talvez resolva o problema e estamos convencidos de que o nosso apelo não será vão.» — S. E. N.

## Ecos de Além-Atlântico

**T**ivemos casualmente entre mãos um jornal desportivo do Rio de Janeiro, datado de 3 de Setembro, chegado por avião, onde fomos encontrar um curioso comentário à visita dos basquetistas brasileiros ao nosso país.

O cronista, que se reportava a diferença do acolhimento quase indifferente feito, no regresso, aos jogadores da bola ao cesto e o entusiástico acolhimento dispensado aos futebolistas do Vasco da Gama.

A justificação plausível de semelhante disparidade era, a seu ver, a notícia anteriormente chegada sobre incidentes havidos no Porto e nos quais um jogador brasileiro desrespeitara o árbitro, parecendo-lhe estranho que a entidade superior dirigente abafasse o caso, sem pronunciar as medidas disciplinares convenientes, sobretudo «depois dos severos castigos aplicados pela

Direcção Geral dos Desportos portugueses ao presidente, jogadores e clube» culpados de atropelos disciplinares no mesmo encontro.

Não pode deixar de ser agradável para nós, verificar através destes ecos de Além-Atlântico, que a crítica brasileira presta homenagem à acção disciplinadora e moralizadora do organismo superior do desporto português, apontando-o no seu país como um exemplo digno de imitação pelas entidades que demonstraram falta de energia nas suas intervenções.

Os incidentes do Porto, de tão nefanda memória, parece que não deixaram ressentimento no espírito dos nossos irmãos «cariocas», aos quais satisfaz a solução enérgica e repressiva; mas parece também que reconhecem algumas culpas próprias, sobre as quais lastimam que não tenha pesado igualmente a espada implacável da cega justiça.



Dois notáveis velocistas em pleno esforço: A. G. Wint (à esquerda), neirel de Jamaica, formidável corredor de 400 e 800 metros, e E. Mc Donald Bailey, de ilha Trindade, que bateu o recorde das 100 jardas fixando-o em 9,6 segundos, e saltou mais de 7 metros em comprimento



# AUTOMÓVEIS "M. G."

EXITOS OBTIDOS PELO MODELO «Midget», de 1.250 c. c. de cilindrada, NAS COMPETIÇÕES DESPORTIVAS ULTIMAMENTE REALIZADAS EM PORTUGAL:

«Rallye» a Coimbra — **JOÃO REZENDE DOS SANTOS**

1.ª classificação da sua categoria

«Rallye» a Braga — **ANTÓNIO LEITÃO DE OLIVEIRA**  
e **JOÃO REZENDE DOS SANTOS**

} ex-aequo

1.ª e 2.ª classificação da sua categoria

«Rallye» a Sintra — **ANTÓNIO LEITÃO DE OLIVEIRA**

1.º prémio da classificação geral  
e 1.ª classificação da sua categoria

«Rallye» a Guimarães — **ANTÓNIO LEITÃO DE OLIVEIRA**

1.º prémio da classificação geral  
e 1.ª classificação da sua categoria

**FILIPE BENS AUDE**

2.ª classificação da sua categoria

«Rallye» a Miramar — **ANTÓNIO LEITÃO DE OLIVEIRA**

1.ª classificação da sua categoria  
e 3.º lugar da classificação geral

**M. G. "Midget"**

O carro que se impõe pela sua rapidez e segurança

**ENTREGAS IMEDIATAS**

Distribuidores Gerais:

**A. M. ALMEIDA LIMITADA**

Rua da Escola Politécnica, 39 — LISBOA

Agentes no Porto

**A. M. DA ROCHA BRITO, LIMITADA**

Agentes em Coimbra

**AUTOMÓVEIS DO MONDEGO, LIMITADA**

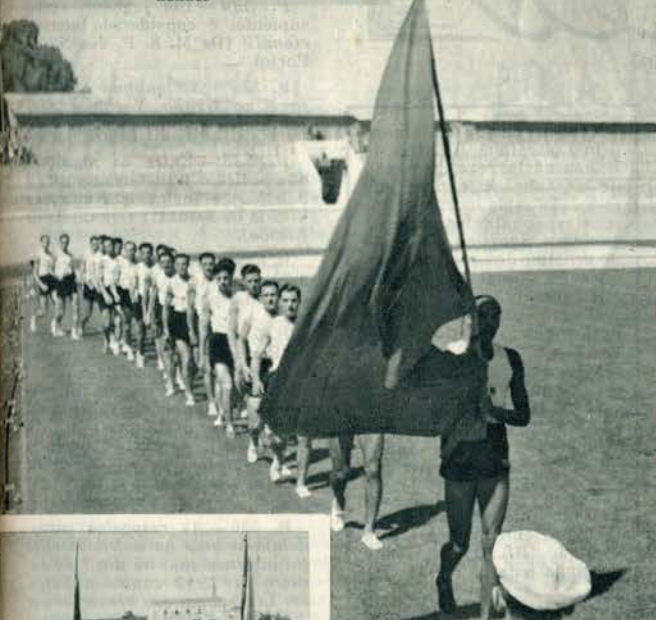
Agentes em Évora

**SOCIEDADE AUTOMOBILÍSTICA DO ALENTEJO, Lda.**



# PORTUGAL-BÉLGICA

A equipa portuguesa entra em campo precedida pela bandeira nacional, conduzida por Matos Fernandes



Os dois capitães, Fernando Ferreira e Pol Brackmam, entre as bandeiras das duas nações



O salto de Bequet, que lhe deu a vitória com 1,80



O final de um ensaio de Alcide no triplo-salto



Os vencedores do salto em altura: Menezes, Bequet e Matos Fernandes

# FUTEBOL NO PORTO



Duas fases do F. C. Porto-Leixões — Ao lado, uma defesa de Barigana; em cima, um lance perto das balizas que provoca uma defesa do guardared do Leixões

Uma fase do Leça - Académico. O guardaredes daquele clube defende



## O 1.º LISBOA-FUNCHAL em Voleibol



Entre as Associações de Voleibol de Lisboa e do Funchal ficou assente a realização do primeiro encontro de Voleibol entre as duas cidades.

Seleção de Lisboa: No primeiro plano, da esquerda para a direita: Luis Amaral (Ateneu), António Trindade (Técnico) e Nuno Camara (Sporting). De pé, da esquerda para a direita: António Fonseca, Nuno Barros e Eugénio Martins, todos do Técnico.



Na corrida de barreiras, da esq. para a direita: Loermann, Ferreira e o vencedor, Brackmam

Dissolução de BORRACHA

**S D L**

AVOLA PRÉFERIDA PELOS CICLISTAS

da "Volta a PORTUGAL"

SANTOS DAVID, LDA. BOQUEIRÃO DO DURO, 46 - LISBOA



# No Mundo da Bola

Do JORNALISTA DESCONHECIDO

## CONTA-GOTAS

Na Madeira, o campeonato de futebol começa no próximo domingo, dia 14 de Setembro. Os clubes já iniciaram a faina dos treinos. O Nacional, clube de tradições, tem como treinador Mário Silva.

E diz-se por lá que o Marítimo vai convidar o internacional Carlos Pereira para dirigir a sua Secção de futebol. Ora aqui está uma notícia que, a confirmar-se, demonstraria bom senso.

Carlos Pereira, madeirense, saiu um dia do Funchal, como jogador de futebol, e regressaria agora talvez saudosamente como treinador.

E' possível que Carlos Pereira tenha a sua vida organizada em certo sentido, e não possa efectuar-se o projecto do clube. Mas o Marítimo, ou outro qualquer clube, não podia encontrar nem treinador melhor, nem mais dedicado.

Pela nossa parte, estamos tão ligados à Madeira, das melhores recordações da nossa vida, e conhecemos tão bem o meio que não podemos ficar indiferentes ante uma notícia como esta.

○ Vitória de Guimarães nunca está contente com a sua obra, procurando época a época fazer melhor. Agora, o seu campo, já uma formidável afirmação de fé clubista, foi bastante melhorado, apresentando uma nova bancada, coberta, com capacidade para 2.000 lugares. O peão, já com relevê, permite uma visibilidade perfeita.

Temos podido verificar em nossas passagens por Guimarães o amor que os seus filhos nutrem ao clube da terra. Desejamos sinceramente que o Vitória de Guimarães continue a sua magnífica carreira. Que suba mais alto!

Depois de jogar em Lisboa contra o Sporting, o Atlético de Bilbao deslocar-se-á a Braga, filial do clube lisboeta.

Julgamos que só a circunstância de se tratar de uma filial do Sporting permite uma organização de tão alto nível em Braga.

Trata-se, certamente, de um acontecimento da maior projecção em toda a região bracarense. O Sporting de Braga vai dar ao seu público um desafio de futebol que outras grandes cidades do país desejariam.

Ao mesmo tempo, antes de começar a sua tarefa no Campeonato Nacional, apresenta-se-lhe uma oportunidade única de mostrar o seu valor e categoria, as suas possibilidades.

Antes de começar a época, a Associação de Futebol de Setúbal previne os seus associados de que a disputa de provas «tem por objectivo a expansão do futebol português».

E acrescenta ainda: «Não se pretende apenas progressos de natureza técnica, mas também e principalmente, progressos acentuados de desportivismo, de respeito, de camaradagem, de correcção, de nítida compreensão de deveres cívicos, que devem ser o apanágio de todo o bom desportista».

Achamos interessante esta forma de agir da Associação de Futebol de Setúbal. Há quem não acredite nas palavras, mas estas não deixam de ter um efeito altamente benéfico em determinadas oportunidades. Assim o desejamos, pelo menos.

As arbitragens dos primeiros desafios da Prova de Lisboa deixaram muito a desejar. Principalmente a do Belenenses-Benfica. E, no entanto, a Comissão Central de Arbitros faz quantos esforços pode para melhorar a arbitragem e dar-lhe prestígio. Os prémios da 1.ª categoria subiram ou vão subir para 300\$00, dando-se aos juizes de linha 50\$00. Ao mesmo tempo, procurará a referida Comissão que os árbitros actuem mais vezes. Eis uma forma de atrair novos valores!

Vem a Lisboa o famoso grape viscaíno Atlético de Bilbao, vários vezes campeão de Espanha. A equipa que tem dado mais louros ao futebol espanhol defrontar-se-á contra o Sporting na tarde do próximo domingo na inauguração oficial do Estádio Alvalade.

Mesmo em Hespanha, a deslocação do Atlético de Bilbao é sempre um acontecimento. Que dizer da sua vinda a Portugal?

O grande clube vasco foi sempre aquele, através dos tempos, que deu mais internacionais à Espanha. Os famosos Iraragorri, Chirri, Claurren e Gorostiza, do passado, chamem-se hoje Iriando, Panizo, Zarra, Ocejja e Nando... A cepa viscaína continua a dar o melhor sarmão...

O Atlético de Bilbao apresenta esta época um alinhamento ainda mais forte do que no ano passado, dado o reforço do excelente guardadaredes Mollinaev, que jogava em Paris, e de Aldecoa, o interior-esquerdo do clube inglês Coventry.

Segundo os técnicos da vizinha nação, o Atlético de Bilbao pratica o futebol mais característico de Espanha. Está treinado e em forma. Quanto aos portugueses, a sua capacidade será evidenciada no próximo domingo.

## Há resposta para tudo...

P. 534 — Um jogador, sendo suplente, é considerado internacional? (De M. S. P. dos S., do Porto).

R. 534 — Só quando alinhava e joga no Grupo Nacional deve considerar-se internacional.

P. 535 — Entre os jogadores que pediram transferência para o Belenenses inclui-se Nunes, do Vitória de Setúbal? (De C. P., de Lisboa).

R. 535 — A resposta é-lhe dada pelo deferimento da transferência de Nunes para o Belenenses.

P. 536 — Martins, guarda-redes do Benfica, em que ano e em que jogo foi internacional?

Azevedo, desde que foi internacional, foi alguma vez substituído, mas sem ser por Capela?

Pedia a V. a máxima urgência nas respostas, visto tratar-se de uma aposta de grande interesse! (De A. T. G., de Coimbra).

R. 536 — As respostas encadeiam-se uma na outra. Martins foi internacional no dia 1 de Janeiro de 1942 contra a Suíça, em Lisboa, em que vencemos por 3-0. Azevedo tinha sido internacional já em Janeiro de 1938, quatro anos antes, no 3.º Portugal-Hungria, que ganhamos por 4-0, isto não contando o tal Portugal-Espanha de 1937 não considerado oficialmente. Com estes elementos podem perfeitamente decidir a aposta. Se não se puzérem de acordo, recorram novamente a nós.

P. 537 — Como ordena estes interiores-direitos: Araújo, Arsenio, Bravo, Massano e Vasques? (De M. R., de Lisboa).

R. 537 — Relativamente à forma da época transacta: Araújo, Vasques, Bravo, Massano e Arsenio.

P. 538 — Se Patalino subir ao team A — o que seria justo! — qual o avançado-centro que, em sua opinião, deve jogar na equipa B de Portugal? (De J. N. da S., de Lisboa).

R. 538 — Aguardamos que alguém venha preencher esta época o referido lugar. Para não causar dificuldades, contemporizemos com a justiça a que alude; justiça, aliás, para muitas pessoas, verdadeira injustiça.

P. 539 — Acha justo que a Espanha nos venha tirar os melhores jogadores portugueses? (Um belenense que se presa de o ser).

R. 539 — Não sabemos o que pensam as entidades oficiais do caso. Na verdade, o meio português não é tão rico que possa ceder unidades como Feliciano e Araújo sem grave prejuízo. Nós temos todavia a esperança de que não cheguem a efectuar-se essas transferências. Mas se tal suceder — o futebol não acabará em Portugal...

## CORRE QUE...

Feliciano está outra vez em Vigo e já a treinar, prosseguindo as negociações entre o Celta de Vigo e o Belenenses. Isto dizem de Vigo, mas a verdade é que ainda no passado domingo falamos com Feliciano em Lisboa.

♦♦ As relações entre o Benfica e o Oriental, outrora muito amistosas, agravam-se dia-a-dia mercê de mal-entendidos, segundo se julga, ou de cura difícil, ou impossível.

♦♦ O clube Marino, de Las Palmas, visitará em Setembro o Funchal ali disputando vários encontros de futebol. Que, em geral, nestes jogos, os madeirenses costumam triunfar...

♦♦ A Comissão Pro-Estádio do Vitória Futebol Clube, de Setúbal, trabalha infatigavelmente no sentido de conseguir o seu objectivo — interessando no movimento as forças vivas da cidade. O Vitória merece, indiscutivelmente, um Estádio.

♦♦ Ainda o Campeonato Nacional vem longe, e as Associações ou Clubes já se mexem, defendendo os seus interesses e procurando a boa interpretação de um Regulamento ainda pouco divulgado. Aveiro, por exemplo, quer a representação que merece e a que tem direito na Segunda Divisão. Talvez não seja atendida numa das suas pretensões, a respeito do Beira Mar.

♦♦ O treinador Alfredo Valadas, findo o inquérito, retomou os seus serviços no Benfica, ao lado de Lippo, destacando-se pelo que trabalha e pelo acerto com que trabalha.

♦♦ Ao tratar-se de marcar os desafios da Primeira Jornada e ao discutir-se o dia e a hora, o Sporting exprimiu-se da seguinte maneira: Dada a maneira como os clubes se comportaram, cedendo a data de 14 de Setembro ao Sporting, este só tem de saber o dia e a hora em que o Atlético quer jogar, e lá comparecerá...



# A VIDA DESPORTIVA FORA DO MUNDO

## FUTEBOL

### EM INGLATERRA

Após quinze dias de vida, completados a 6 do corrente, os campeonatos divisionários da Liga Inglesa bateram já um recorde. Mais de cinco milhões de entusiastas ingressaram nos campos de futebol, presenciando os desafios que se têm realizado de dia e à noite, graças a uma temperatura propícia, como não há lembrança desde longa data.

O acontecimento de maior espanto, produzido nesta temporada, consiste no fracasso da defesa do Charlton, que tão notável papel desempenhou há poucos meses na conquista da ambicionada Taça da Federação, e agora consentiu nada menos que dez golos em quatro dias.

Manchester United foi o seu último adversário, ganhando por 6 a 2. Quatro dos tentos marcados saíram dos pés de Rowley, que assim colocou o seu clube no segundo posto da classificação, atrás do Arsenal com quem jogará a seguir.

O glorioso clube de Highbury teve sorte em vencer o Sheffield United por 2-1. Faltavam somente 3 minutos, quando Roper mandou uma «brasa» com efeito, à distância de 27 metros, que Smith apañou sem conseguir segurar.

Stoke City, onde Mathews já não brilha, teve também azar na própria casa. O Liverpool triunfou por 2-0, marcados pelo interior-esquerdo Liddell. Todavia, a maior infelicidade sucedeu aos 15 minutos de jogo: Stoke perdeu o interior-esquerdo, Baker, com fractura no antebraço, e em seguida Montford saiu bastante contundido.

Everton sofreu a primeira derrota. O ataque desencadeado pelo Blackpool a dois minutos do intervalo produziu nada menos que dois tentos, apontados por Mc Knight e Mortensen.

Os Wolves, famintos de golos, marcaram já 16 em três desafios! Agora foi Blackburn a vítima, por 5-1, imitando o Bolton na sequência de derrotas — três em três jogos — vencido igualmente pelo Burnley (2-0).

Lawton reapareceu na linha de frente do Chelsea e marcou um tento da sua lavra ao Derby County, o clube que o pretende. Se Lawton tivesse alinhado com os adversários, o resultado (1-0) teria sido diverso, pois foi manifesto o azar de Carter e dos seus quatro colegas.

Tanto o West Bromwich Albion como o Bradford alcançaram vitórias fora de casa pela diferença mínima, à custa do Bournemouth e do Chesterfield. Os outros clubes da 2.ª Divisão, que se distinguiram, foram os seguintes:

Luton Town ganhou ao New-

## NOTA DA SEMANA

A passada semana foi um período fértil em acontecimentos desportivos de muito realce, celebrados no estrangeiro com grande pompa. Os Jogos Universitários, por exemplo, cujo rótulo de Mundiais consideramos fortemente exagerado pela ausência dos Estados Unidos — as suas universidades possuem a fina flor do atletismo americano, do basquete, da natação, etc. — e de outros países europeus e asiáticos, tiveram um brilho rutilante.

A França ganhou o torneio de futebol à custa do Egito (3-2); venceu o certame de atletismo e classificou-se segundo em basquetebol, atrás da Checoslováquia, e na esgrima, depois da Itália. Estes êxitos reveladores de um progresso bulhoso, e digno de aplauso, podem conferir a primazia dos Jogos Universitários ao país que mais triunfos colheu — a França — favorecido pela circunstância de ser a entidade organizadora...

Outro acontecimento notável celebrou-se nos Estados Unidos, nas festas de ténis de Forrest Hills. Andou em contenda a Taça Davis, símbolo da hierarquia da raquete entre as nações.

Venceu a América sobre a Austrália, encerrando um torneio que demorou seis meses e no qual participaram países das cinco partes do globo.

Em futebol, degladiaram-se, em Praga, os grupos representativos da Polónia e da Checoslováquia cabendo o triunfo aos checos por 6-3. Quase ao mesmo tempo, nadadores da França e da Checo batiam-se na piscina de Tourelles, arabando os franceses por conquistarem a vitória por 57 pts. a 43.

Tantas manifestações desportivas simultâneas e de tão importante relevo, num período de tempo apertado como sejam sete dias, não é frequente. Daí a dificuldade de dar primazia soberana a um, mais que a outros.

O que sobressai é a expansão dos Jogos de destreza e atlética — paradigma do post-guerra e provável prenúncio de um novo conflito possível — neste conjunto avultado de acontecimentos.

R. B.

## TÉNIS

### Os Estados Unidos conservam a Taça Davis

No fim de três dias consecutivos de provas, os tenistas norte-americanos Jack Kramer e Ted Schroeder obtiveram 3 vitórias a 1, em três jogos singulares e um de pares, sobre o agrupamento australiano composto por Jack Bromwich, Dinny Pails, e Colin Long. Deste modo, a Taça Davis, o troféu em disputa neste torneio máximo do ténis, permanece em poder dos *Jankees*.

O primeiro jogo da série travou-se entre Jack Kramer e Dinny

castle U. por 2-1; o Fulham manteve as cores londrinas a tope, vencendo Leicester (2-0); Tottenham derrotou Sheffield W. (5-1); West Ham alcançou a vitória sobre Nottingham (2-1) e Cardiff ainda não sofreu um único tent!

O declínio do Brentford, que já consentiu 12 golos, produz nos seus partidários grande desânimo: agora foi Coventry City o seu dominador, por 4-1, graças às habilidades de Lowrie e ao sortilégio dos seus chutes.

Pails. Foi um esmagamento completo, por 6/2, 6/1, 6/2, como raras vezes se viu em desafios deste género. O segundo encontro, entre Bronwich e Schroeder, teve pouco brilhantismo e o australiano lutou com azar acabando vencido por 6/4, 5/7, 6/3, 6/4, depois de um desafio em que o adversário esteve com uma esmברה na mão direita desde meados da 4.ª partida.

No segundo dia os australianos produziram uma reviravolta nos prognósticos, ganhando com uns «ases» ao par americano, por 6/4, 2/6, 6/2, 6/4, graças a Colin Long, cujos serviços potentes e magníficos *volleys* decidiram a contenda.

No terceiro dia o *match* entre Schroeder e Dinny Pails produziu uma série de incidentes involuntários mas acabou com a vitória do americano por 6/3, 8/6, 4/6, 9/11, 10/8 em último extremo.

Schroeder descalçou-se por completo, na quinta partida, para se livrar da tortura dos sapatos, e Pails esteve a um ponto de obter o triunfo, mas o Destino havia já escolhido o eleito da sua preferência.

## AUTOMOBILISMO

### O recorde de velocidade

O audacioso volante inglês, John Cobb, detentor da máxima velocidade obtida em automóvel, desde Agosto de 1939, celebrou o oitavo aniversário do seu feito, tentando melhorar os 593,479 km/à hora conseguidos nessa data. A tentativa realizou-se na praia de Bonneville, no lago de Votah, mas por causa de forte ventania não pôde levar a cabo o seu intento. Cobb repete a experiência na próxima semana.

## ATLETISMO

### Os Jogos Universitários de Paris

Terminaram com a vitória da França (133 pts.), seguida pela Checoslováquia, Austria e Inglaterra, os campeonatos atléticos universitários, celebrados em Paris.

Os 100 metros foram ganhos pelo velocista da Universidade de Oxford, Wilkinson, no tempo recorde de 10,5 s., que também triunfou nos 200 metros, em 22,2 s., ficando outro inglês, Fairgrieve, em quarto lugar.

A vitória nos 400 metros coube ao sueco Ahlnevik, no ótimo tempo de 48,1 s., seguido do inglês Wallis (Oxford) em 48,6 s.

Nos 800 metros, após grande luta, triunfou outro britânico, H. G. Tarraway (Universidade de Southampton), em 1 m. 54,4 s., dominando o sueco Lindelow nos últimos metros da prova.

Em 1.500 metros brilhou a grande altura o checo Zatopek, vencendo a corrida em 3 m. 52,8 s.

Os 110 metros (barreiras) couberam ao italiano Albanesi, em 14,9 s., e os 400 metros da mesma especialidade foram apañado do corredor francês Arifon que bateu o recorde do seu país com 52,3 s.

O salto em altura foi ganho pelo dinamarquês Vind, com 1,93 metros. O de comprimento pertenceu a Wuerth (austriaco) com 7,22 metros e a vara a Zsitvay, húngaro, com 4 metros.

Nos lançamentos, o predomínio dos países da Europa Central foi marcante: Kalina (checo) atirou o peso a 14, m. 53; Klicik (húngaro) lançou o disco a 47 m. 80; e Varczegi (húngaro) arremessou o dardo a 66 m. 45.

O checo Zatopek, também vitorioso na légua, que percorreu em 14 m. 20,8 s., foi a grande «estrela» do torneio juntamente com o velocista inglês Wilkinson.

### A maratona inglesa

Jack Holden, do clube Tipton Harriers, ganhou a corrida de maratona promovida pela A. A. A., em Loughborough em 2 horas 35 m. 20,2 s.

Este tempo é o segundo em quérito de todos os registados em Inglaterra, ficando imediatamente a seguir ao recorde nacional.





*A partida de Caldas da Rainha. Vai começar a última tirada...*



*Max André entra à cabeça, vertiginosamente, no Estádio Alvalade. Um pouco mais tarde, será ultrapassado por quatro corredores*



*Próximo da Ericeira, na subida das Carvoeiras, os ciclistas seguem em fila indiana. Uma imagem vulgar da prova, mas sempre muito bela!*



*Na pista do Sporting, Max André ainda continua à frente...*



*Terminou a Volta a Portugal de 1947! A equipa do Benfica formada por José Martins (1.º) João Rebelo (2.º) e Império dos Santos (3.º) ganhou com brilho, marcando nítida superioridade sobre todos os outros concorrentes. Junto de José Martins, o grande campeão, vê-se sua esposa que se deslocou a Lisboa somente para o abraçar na hora do triunfo*

*Ao lado, acabada a luta, dois valerosos ciclistas, José Martins e Fernando Moreira, abraçam-se amigavelmente. Um soube ganhar e o outro fez tudo para vencer!*

